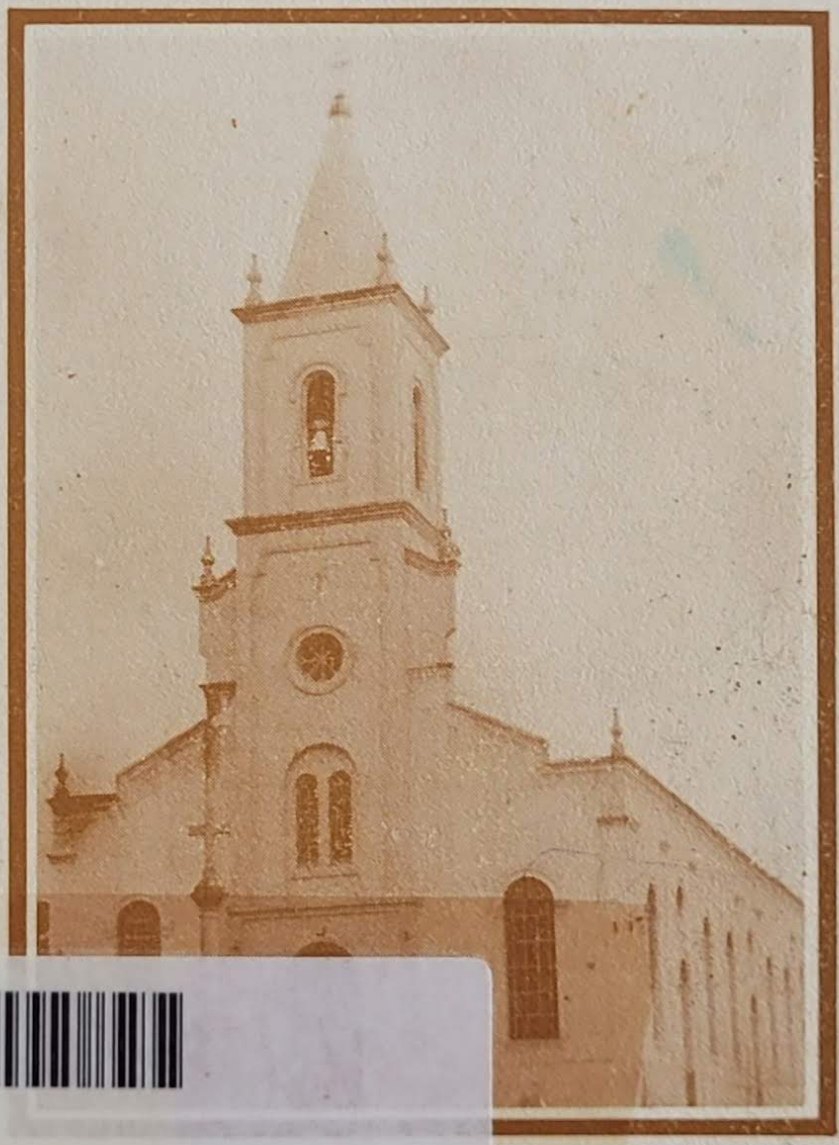
HISTÓRIA RELIGIOSA DA IBIAPINA



.13
:9h
3

52837
Biblioteca Central - UVA

PE. F. SADOC DE ARAÚJO

PE. F. SADOC DE ARAÚJO

BIBLIOTECA CENTRAL

HISTÓRIA RELIGIOSA DA IBIAPINA

Biblioteca do CEPI
Sobral - CE

278.13
A689h
ex.2

- 1983 -

AUTOR: PE. FRANCISCO SADOC DE ARAÚJO
Membro da Academia Cearense de Letras. Sócio do Instituto Genealógico Brasileiro.

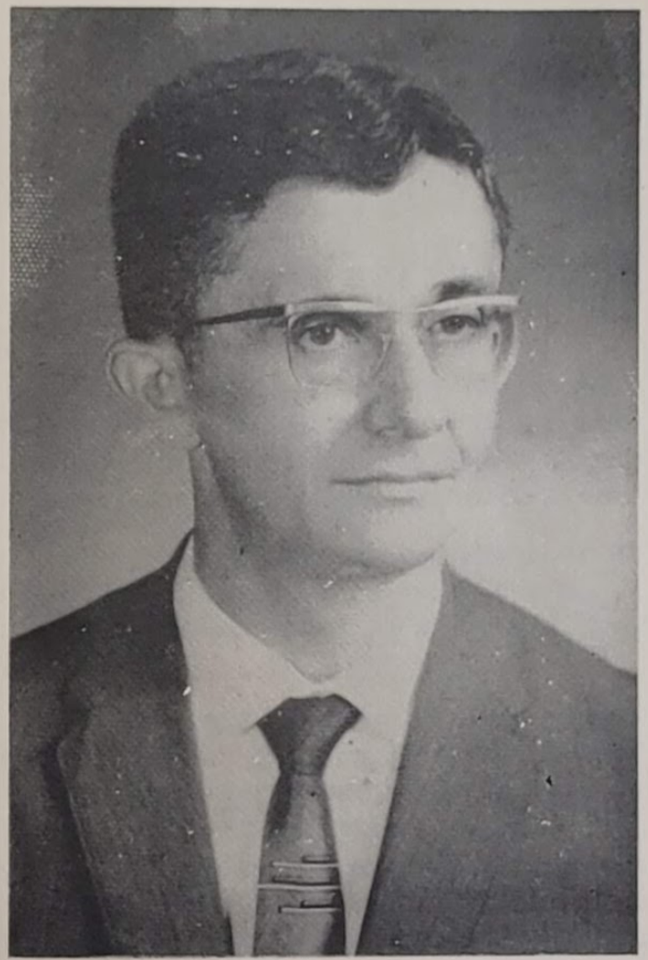
PE. SADOC
UVA | SISTEMA DE BIBLIOTECAS
REG. 5837
EM 09/05/12

OBRAS DO AUTOR:

— CRONOLOGIA SOBRALENSE — 2 Vols. 1974, 1979
— A CIÊNCIA CRIADORA — 1976
— HISTÓRIA DA CULTURA SOBRALENSE — 1978
— ESTUDOS IBIAPABANOS — 1979
— HISTÓRIA RELIGIOSA DA MERUOCA — 1979
— CEARÁ, HOMENS E LIVROS — 1981
— TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE DOM JOSÉ TUPINAMBA DA FROTA — 1982

GRATIDÃO

Ao Desembargador José Ferreira de Assis que, a exemplo de seu pai, o escritor Pedro Ferreira, sempre tem demonstrado profundo amor à cidade natal, os agradecimentos por ter providenciado a publicação deste trabalho.



HOMENAGEM

Ao prezado colega Pe. Odilon Marinho de Pinho, atual vigário de Ibiapina, admirando-lhe a solicitude pastoral com que se dedica aos paroquianos.

UVA BIBLIOTECA CENTRAL

APRESENTAÇÃO

Para comemorar o Primeiro Centenário da Paróquia de São Pedro de Ibiapina surgiram muitas idéias; todas refertas de muito amor à terra do "Diabo Grande" e de desejos de uma festa bem à altura do grande evento.

Entre elas, a que mais certamente se fixou em mim, e que quando transmitida em rodas de amigos se tornou mais viva entre muitas outras, foi a da HISTÓRIA RELIGIOSA DA IBIAPINA.

A Paróquia, no decurso do século vivido, teve sempre, e de modo ininterrupto, um sacerdote à frente de seus destinos espirituais, perfazendo o total de 16 levitas. Dentre eles, muitos de renomadas virtudes conseguiram gravar no coração de seus paroquianos os ensinamentos evangélicos de modo tão expressivo, que ainda hoje uma sólida tradição de piedade caracteriza e distingue a Comunidade Ibiapinense.

Ibiapina, na língua indígena, significa "Terra Limpa", ou seja, terra cultivada, uma vez que foi aqui onde surgiu a primeira lavoura do planalto da Ibiapaba e, na opinião de historiadores sérios, a primeira cultura cearense.

Esta limpeza não se restringiu somente ao solo, mas, pelo martírio do Pe. Francisco Pinto em terras ibiapinenses, afetou o coração de todos os seus habitantes e daí não ser fácil a escolha de um historiador para tão árdua tarefa. Para tanto seria necessário que fosse conhecedor profundo das nossas origens, sentimento de religiosidade e possuidor de uma pena limpa para escrever sobre a "Terra Limpa".

Pe. Francisco Sadoc de Araújo foi certamente a mais indicada escolha por seus profundos conhecimentos das nossas origens e pelo acendrado amor e dedicação com que pesquisa e perscruta os primódios de nossa formação religiosa.

E como era de esperar (dada a sua conhecida disponibilidade) — Pe. Sadoc aceitou a árdua incumbência de escrever a nossa História Religiosa, que tenho a honra de apresentar.

Pelo brilho de expressão, pela honestidade das pesquisas, pela luminosa apresentação dos fatos, temos uma primorosa monografia que bem vale todos os trabalhos e canseiras das festividades programadas, e que certamente será sempre lembrada em comemorações posteriores.

Ibiapina, 20 de janeiro de 1983

Pe. Odilon Marinho de Pinho

A Paróquia de São Pedro da Ibiapina, cujo centenário de criação está sendo comemorado, tem como sede a cidade de igual nome, situada em um dos mais bonitos recantos da Serra da Ibiapaba.

A cidade, construída na chamada Zona da Mata, é cercada de vegetação luxuriante, no meio de verdadeiros jardins naturais onde sopra constantemente brisa amena e sadia que faz farfalhar os canaviais, as palmeiras e as árvores frutíferas abundantes.

Para quem sobe do tórrido sertão circunvizinho, o clima se apresenta delicioso e o panorama verde, surpreendentemente deslumbrante.

O escritor Pedro Ferreira, filho da terra e profundo conhecedor da região, confessa-se incapaz de descrever as belezas naturais circundantes. Em seu "Dicionário Histórico e Geográfico da Ibiapaba", p. 84, assim se expressa: "Ibiapina fica entre cafezais viridentes e olentes, pontilhados de poéticos e floridos arvoredos, oferecendo para qualquer lado ao observador agradáveis perspectivas, especialmente da grimpa da serra onde desce a via-carreira para Sobral, porque ali os nossos olhos se abismam nos magníficos painéis tão bem delineados pela mão caprichosa da natureza; painéis lindíssimos, soberbos e encantantes que absolutamente se não descrevem".

O escritor Domingos Olímpio, que no ano da grande seca de 1877 percorreu a cavalo a região, atreveu-se a descrevê-la em seu estilo grandioso, mostrando o contraste entre o panorama do sertão e o da serra. Vale a pena transcrever aqui este trecho do grande romancista, por ser passagem literária quase completamente desconhecida. Reproduzo o excerto da Revista "Kosmos" do Rio de Janeiro, número de maio de 1905: "A estrada, coleando o vale do Jaibara, atravessa campos, desolados, de vegetação seca e torrada pelo sol implacável, ermos de gados e de homens, até a zona onde começava, por entre os contrafortes ásperos da cordilheira, a vegetação de palmeiras, como um tapete de penachos farfalhantes estendido ao sopé das montanhas soberbas, talhadas a prumo, como gigantesca muralha cheia de formidáveis cicatrizes de brechas, de torreões de arquitetura bizarra, de ameias dentadas, como se denuncias-

sem o devastamento de fabulosos canhões numa secular obra de assédio. Atravessamos rapidamente, a todo fôlego dos nossos cavalos, essa faixa de palmares infectada pelas emanações pútridas de animais mortos, empestados pela aglomeração, quando se refugiavam exilados das campinas inóspitas. E foi com um grande sentimento de alívio que recebemos as primeiras rajadas da brisa fresca e pura, canalizada pelos desfiladeiros angustiosos da montanha íngreme, no início da ladeira decorada de grandes árvores, de espessa mataria exuberante encastoando, como num escrínio de veludo verde, imensas moles de granito. Ali nos comunicou indizível alegria o rumor das cascatas, uma alviçareira música para nós, vindos do sertão adusto, e para os nossos cavalos sequiosos que espetando as orelhas inquietas relincharam de satisfação. Subíamos lentamente transpondo rochedos rolados sobre a vereda, contornando velhos troncos. O caminho se ia transformando em escada, enroscada às torres de granito, cintilante à luz dos sol a brincar nas arestas forradas de mica incandescente, altíssimas torres eriçadas de dentes, agrupadas à maneira gótica, muito lavadas, muito cortadas pela erosão das intempéries."

Foi nesse local, atraente pelas belezas naturais, sadio pela amenidade do clima e seguro pela facilidade de esconderijos de defesa, que se refugiaram os tabajaras, primeiros indígenas nativos a habitar o planalto. Foi também aí que, pela primeira vez no Ceará, teve começo o trabalho de evangelização e de catequese.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS

A cidade de Ibiapina, sede do município e da paróquia de igual nome, está situada quase no centro da Serra da Ibiapaba e tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude Sul 3º, 48' 43" e Longitude W. de Gr. 40º, 54', 03".

A altitude, nivelada pelo IBGE em 1964, é de 878,42 metros acima do nível do mar, tendo como referência o centro da soleira da porta principal da Matriz.

O município tem uma área de 333 km2 que se estende, em sua maior parte, por sobre a serra e pelo sertão banhado

pelo riacho Jaibara, afluente do rio Acaraú. Limita-se ao Norte com o município de Ubajara, a Leste com os de Pacujá e Mocambo, ao Sul com o de São Benedito e a Oeste com o Estado do Piauí.

Situado na Microrregião 62 do IBGE, o município é banhado pelos riachos Pejuaba e Jaburu, tem precipitação pluviométrica anual média de 1.090 mm. e temperatura média de 21º centígrados, com mínima de 17º e máxima de 25º.

A população é de 17.000 habitante e a densidade demográfica de 51 habitantes por quilômetro quadrado.

Administrativamente consta de apenas dois distritos: o da sede e o de Santo Antônio de Pindoba.

A cidade dista cerca de 120 km de Sobral e 340 km de Fortaleza, cidades com que mantém maior intercâmbio comercial.

O solo, bastante fértil e rico em substâncias nutritivas, presta-se para uma grande variedade de culturas permanentes e temporárias, destacando-se, em ordem decrescente de área cultivada, o café, a cana-de-açúcar, a mandioca, o abacate, o milho e o feijão.

O município foi criado pela Lei nº 177, de 23 de novembro de 1878. Extinto pelo Decreto nº 193, de 20 de maio de 1931, foi restaurado, pouco mais de dois anos depois, pelo Decreto nº 1.156, de 4 de dezembro de 1933. Foi elevada à categoria de cidade pelo Decreto nº 448, de 20 de dezembro de 1938.

O TOPÔNIMO

O Pe. Lemos Barbosa, em seu excelente "Curso de Tupi Antigo", nº 445, faz uma judiciosa observação sobre os topônimos túpicos. Diz ele criteriosamente: "Nem sempre o conhecimento da língua bastará para explicar o sentido de todos os nomes geográficos de origem tupi. Muitos deles foram adulterados pelos brancos. Outros, antigos, os mesmos índios já não os sabiam decompor. Antes de qualquer explicação — ainda que nalgum caso pareça óbvia — convém investigar quais variantes populares, principalmente, sob que formas aparece o nome dos mais antigos documentos". E acrescenta: "O estudo filológico só terá valor, se aliado a uma simultânea pesquisa histórica e geográfica".

À luz deste autorizado ensinamento, podemos julgar as várias versões etimológicas da palavra Ibiapina.

Consultando qualquer dicionário de língua tupi é fácil decompor a palavra. **Yby** significa terra e **apina** é particípio nominal do verbo **a-pin** que tem sentido de lavrar, tosquiar, pelar, limpar. Segundo esta versão, Ibiapina seria o mesmo que terra limpa ou terra lavrada. É a etimologia aceita por José de Alencar (Iracema, Cap. 19) e pelo Barão de Studart (Rev. do Inst. do Ceará, vol. 38, p. 122), e parece ser confirmada pelo fato de ter sido o local onde os jesuítas Luiz Figueira e Francisco Pinto estiveram durante mais de quatro meses, de 1º de junho a 17 de outubro de 1607, catequizando os nativos e lhes ensinando a preparar roças com a limpa prévia da terra, isto fez com que aquela região se tornasse limpa de matas, contrastando com o restante da serra lavrada do planalto, o local limpo logo despertava a atenção, pelo que foi chamado de Ibi-apina.

A simplicidade desta versão a torna facilmente aceitável, porém não é confirmada historicamente pela documentação mais antiga. Na verdade os primeiros documentos manuscritos que possuímos apresentam grafia diferente, levando a supor que "Ibiapina" seja uma corruptela e não palavra original. As formas gráficas mais antigas são Mbaypina, Maypina e Bayapina.

O texto do primeiro casamento religioso ali realizado, de que se tem notícia, traz a grafia Maypina, como se vê da seguinte transcrição: "Aos vinte e nove dias do mês de julho de mil setecentos e quarenta e dois, em sima da serra da Ibyopaba, no lugar Maypina, corridos os banhos sem impedimento como consta da certidám delles que fica em meo poder, em presença do Rdo. Elias Pinto de Azevedo, de minha licença, e sendo presentes por testemunhas o mto. Rdo. Dr. e Vizitador Lino Gomes Correa e do Rdo. Secretário o Pe. Manoel Gomes Soares, se receberam solenemente, por palavras, Manoel Alvarez da Rocha, filho de Hieronimo da Rocha e de sua molher Izabel Alvarez, natural de Pernambuco, da cidade de Olinda e morador nesta freguezia, com Adriana, mestiça, digo com Adriana da Assumpção, mestiça, filha de Antonio da Costa da nação do gentio da Guiné e de Antonia da nação mamaluca, natural desta freguezia: e logo receberam as bençãos, de que fiz este termo

que assigno. Pe. Lourenço Gomes Lelou, cura e vigario da Vara do Acarau." (Liv. Bat. Sobral, 1741-1769, fl. 77).

As formas Mbaypina, Maypina ou Baypina parecem ser transcrição da ortografia fonética de como os indígenas pronunciavam o nome do Padre Pinto, jesuíta que ali foi trucidado pelos tocarijus, vindos do Maranhão, e ali mesmo sepultado com grande pesar dos tabajaras. O fonema tupi **Mb** é forma em que se abranda o **P inicial,** não precedido de possessivo ou genitivo, como ensina Pe. Lemos Barbosa em seu "Pequeno vocabuiário Tupi-Português". **Pay** (papai, senhor) foi abrandado em **May** ou **Bay,** correspondente tupi a Padre, e **Pina** é abrandamento de Pinto. Segundo esta versão, **Mbay-pina** (e suas formas semelhantes May-pina ou Baypina), seria o mesmo que Padre Pinto.

Com esta palavra, o local lembraria a sepultura do Padre Pinto. A explicação parece aceitável, porque sabemos, como ensina o mesmo Pe. Lemos Barbosa (ob cit. nº 444), que "os topônimos e outros nomes geográficos tupis têm a mais variada procedência: particularidades do lugar, fauna ou flora local, fatos acontecidos na região..."

A transformação posterior de Mbaypina em Ibiapina teria sido processada por analogia com Ibiapaba, nome geral da serra.

Que a população pronunciava Maypina é fato confirmado, pois assim foi a palavra apanhada por Manuel Rodrigues dos Santos, piloto da nau que trouxe do Recife para Viçosa o Ouvidor Bernardo da Gama Casco que, por ordem do Marquês de Pombal, veio expulsar os jesuítas em 1759.

O piloto escrivão, na "Derrota e Jornada" que nos deixou, informa, a certa altura de seu relato, que há "muita abundância de água da Pavuna à Maria Pina (distante) uma légua, com um riacho de água corrente e de Maria Pina à Água Petuba, uma légua". Mais adiante, descrevendo as 19 ladeiras da serra, informa sobre a de nº 10 que "é a ladeira da Boa Vista que vem da Tapiranguara, a qual vem sair a Maria Pina pouco cultivada".

Maria Pina, descrita pelo escrivão, é evidentemente Ibiapina. Ouvindo os nativos falarem em Maypina, o piloto transcreveu Maria Pina.

O texto integral do mestre piloto Manuel Rodrigues dos Santos está reproduzido no livro do Barão de Studart, "Notas para a História do Ceará", p. 211 a 214.

Por estar mais de acordo com a documentação primária, prefiro a etimologia da segunda versão.

Padre Pinto foi também lembrado na Missão Jesuítica de Paupina, antiga denominação de Messejana, para onde foram trasladados posteriormente seus restos mortais.

Paupina e Ibiapina são corruptelas tupis de Padre Pinto.

Sem querer aprofundar o estudo da questão, seja dito também que a palavra Ybyapaba, como também Ybycuara, significa sepultura. Antes da chegada dos jesuítas, a serra era conhecida pelo nome de Punaré, denominação também do rio Parnaíba.

O PANORAMA

O Padre Antônio Vieira, que conheceu de perto o panorama da serra, assim descreve o que viu na primeira impressão: "Ibiapaba, que na língua dos naturais quer dizer terra talhada, não é uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao sertão, das praias de Camocim, e mais parecidas a ondas do mar alterado, que a montes se vão sucedendo, e como encapelando umas após outras em distrito de mais de quarenta léguas: são todas formadas de um só rochedo duríssimo e em partes escalvado e medonho, em outras cobertas de verdura e terra lavradia, como se a natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que sendo sempre duras e como pedras, às vezes dão esperança e se deixam cultivar.

Da altura destas serras não se pode dizer cousa certa, mais que são altíssimas, e que se sobe, às que o permitem, com maior trabalho da respiração que dos pés e mãos, de que é forçoso usar em muitas partes. Mas depois que se chega ao alto delas, pagam muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos painéis que porventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, vales,

rochedos e picos, bosques e campinas dilatadíssimas, e dos longes do mar no extremo dos horizontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, que como é cousa tão parecida ao Céu, não só causam saudades, mas já parece que estão prometendo o mesmo, que se vem buscar por estes desertos.

Os dias no povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do sol cobrem-se com as névoas, que são contínuas, e muito espessas. As últimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para a parte do ocaso são mais vizinhas e levantadas." (Obras Várias, II, p. 71).

Foi no meio destas belezas naturais que Jurupariguaçu estabeleceu a sua aldeia.

A ALDEIA DE JURUPARIGUAÇU

Quando os franceses, a partir de 1590, e os portugueses, desde 1603, começaram a visitar a Serra da Ibiapaba, a poderosa nação tabajara era senhora absoluta daqueles vastos domínios. Na opinião do jesuíta Padre Assenso Gago manifestada em Carta de 1695, eram eles provenientes da Bahia, onde se começaram a propagar. Fugindo da presença dos portugueses que os sopeavam na luta pela ocupação do litoral baiano, subiram pelos sertões do Rio São Francisco, atravessaram as terras do Piauí, defendendo-se algumas vezes de nações bárbaras que as habitavam, e vieram parar no Planalto Ibiapabano, onde se sentiram seguros para residir.

Ali estabeleceram as duas mais antigas e maiores aldeias, localizadas onde hoje se encontram as cidades de Ibiapina e Viçosa do Ceará. A primeira era chefiada por Jurupariguaçu (Diabo Grande) e a segunda, por Irapuã (Mel Redondo). Os indígenas do litoral do Camocim obedeciam ao comando de Boiaoby (Cobra Azul). Todos eles eram de tribos tupis, enquanto os tapuias ou jês habitavam a região do sertão. Na Serra da Meruoca se estabeleceram os tapuias reriús. Linguisticamente, os tupis, que falavam a língua geral ou "nheengatu", distinguiam-se dos tapuias, que falavam a língua travada.

Era esta a situação dos nativos locais quando começaram a chegar os primeiros brancos.

Nos fins do século XVI a Ibiapaba foi invadida por flibusteiros franceses, com centro de operações em Dièppe, que sob o comando de Adolfo Mombille mantinham intensa traficância clandestina, consistente na troca de objetos manufaturados por matérias primas e animais nativos. Os indígenas mostravam-se interessados em obter instrumentos de ferro e quinquilharias, enquanto os franceses se empenhavam em conseguir quantidades de madeira de lei e exemplares da flora e da fauna com que enchiam seus navios. Com este intercâmbio, a Ibiapaba nativa se encheu de facas, foices, machados, anzóis, tesouras, espelhos, tecidos e mais miudezas, tudo aproveitado pelos indígenas deslumbrados pela novidade das aquisições. Tudo isto concorreu para uma mudança de cultura e mentalidade.

Nesse tempo, narram as crônicas, já havia umas setenta tabas espalhadas pela serra, sob o comando dos dois tuxauas principais.

A LIDERANÇA DE JURUPARIGUAÇU

Um destes núcleos de gentios destacou-se dos demais pela valentia de seu principal Jurupariguaçu. O nome estava integrado ao clã familiar, pois seu irmão chamava-se Juruparíaquena (Diabo Ligeiro).

Ambos eram filhos de um velho cacique, Jurupari, e da índia Ceuci. A palavra Jurupari, como se sabe, representava na mitologia tupica o gênio mau das matas, arquítipo das poderosas forças do mal, temido e respeitado. Os colonizadores a traduziram por Diabo, mas literalmente significa "aquele que nos fecha a boca".

Na imaginação dos tabajaras, Jurupari tinha a seu serviço outros gênios maléficos inferiores e era protegido pelas aves noturnas, cobras, aranhas e morcegos. O simples fato de alguém possuir tal nome era sinal de exercer poderes extraordinários. Pelo que, o chefe da aldeia era considerado portador de muita valentia e coragem. Por suas qualidades de bravura e destemor, dominava as demais tabas do centro da serra. O domínio de Irapuã, por sua vez, impunha-se mais ao norte, cinco léguas além, estendendo-se até às cercanias do litoral.

O fulcro da influência de Jurupariguaçu localizava-se na região em que hoje está construída a cidade de Ibiapina e se estendia, indefinidamente, até onde não fosse encontrada resistência.

Os indígenas, quando não se sentiam ameaçados por fenômenos da natureza ou perseguidos por inimigos guerreiros, conservavam relativa fixação territorial. O nomadismo só ocorreu na Ibiapaba no período primitivo do arrivismo e, muito posteriormente, após a chegada da comitiva de Pero Coelho, tempo em que uma grande leva fugiu para o Maranhão.

A aldeia de Jurupariguaçu chegou a ser a maior e mais importante da serra, tanto é assim que os dois jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira pouco se demoraram na taba de Irapuã, permanecendo, porém, durante quatro meses na convivência dos comandados de seu rival.

Embora os estudos sobre o assunto ainda não sejam definitivos, sabemos que os tabajaras não conheciam o direito de propriedade privada com relação à terra. Viviam em regime de propriedade tribal sobre o território que ocupavam, sem noção de direito de herança relativo aos bens de raiz. Ao cacique cabia defender o solo, como propriedade de toda a tribo, coletivamente.

A propriedade familiar restringia-se ao domínio sobre a casa rude, a grande oca, abrigo de vários casais do mesmo clã que residiam em completa promiscuidade. A propriedade privada limitava-se às armas, utensílios de uso pessoal, ornatos e instrumentos de trabalho, objetos por eles mesmos fabricados ou conquistados das lutas guerreiras. Dentro desta estrutura, o respeito ao direito devia ser preservado, daí a importância da figura do chefe da aldeia a quem cabia tal encargo no governo interno. Externamente, a responsabilidade do cacique abrangia a defesa de toda a comunidade das agressões e ataques inimigos.

Jurupariguaçu, sempre cioso do cumprimento de seus deveres, exercia sua função com diginade rude e unânime aprovação dos súditos. Seu nome, lembrado respeitosamente nas crônicas, sempre aparece como o de um autêntico comandante, fiel à perfeita execução de seus compromissos.

Foi na aldeia de Jurupariguaçu que teve início o primeiro esforço de catequese e civilização em terras do Ceará. Foi ali que, pela vez primeira, os corações bárbaros começaram a conhecer a doçura humana de Cristo e que o solo nativo começou a ser cultivado com agricultura planejada. Exatamente ali, como diz José de Alencar no Iracema, "naquela parte da montanha, que por ser despida de arvoredo e tosquiada como a capivara, a gente de Tupã chamava Ibiapina".

A VIDA NA ALDEIA

Quando chegaram os franceses, primeiros homens brancos a visitar a aldeia, os tabajaras viviam no estágio neolítico de civilização, dedicados à caça e à colheita dos frutos nativos.

O plantio era rudimentar e consistia no cultivo agreste da mandioca, do milho e do fumo, velhas rotinas herdadas dos ancestrais da Bahia.

A traficância com os mercadores normandos e bretões, portuários de Dièppe, modificou o uso dos instrumentos de trabalho. O emprego dos utenísiios de ferro melhorou as condições de subsistência e facilitou a fixação, concorrendo para que a aldeia adquirisse maior estabilidade.

De acordo com as mais antigas notícias escritas que possuímos, a Aldeia de Jurupariguaçu era um aglomerado de sete, oito ocas, rudes casas feitas de ramagens e folhas de palmeiras, defendidas por uma cerca rudimentar de paus estacados.

O interior das cabanas era costumeiramente simples, onde se viam, infalivelmente, as redes de dormir sempre armadas, o pote com água, cuias e cabaças, o pilão, alguns urus e cestos, os objetos de cozinha, arcos e flechas.

Aos homens, quando necessário, cabia a obrigação da construção das palhoças, da busca de alimentos e da construção de instrumentos e armas. Às mulheres, a tarefa de cuidar dos filhos, preparar licores e mingaus de farinha, de confeccionar adorhos e fabricar corantes para pintar objetos ou para tatuagem.

No mais, a vida era de miséria e de ociosidade. Foi esta a impressão que ficou no Padre Antônio Vieira, que assim comenta: "Na miséria vivem os Tabajaras, posto que puderam sem muita dificuldade suprir a necessidade da terra com os socorros do mar, que lhes fica distante vinte e cinco léguas, e sobre ser mui abundante de todo o gênero de pescado, está oferecendo de graça o sal nas praias em uma salina natural de mais de duas léguas; mas é tão grande a inércia desta gente, e o ócio em que excedem a todos os do Brasil, que por milagre se vê um peixe na serra, vivendo de mandioca, milho e alguns legumes, de que também não têm abundância: com que é entre eles perpétua a fome, e parece que mais se mantêm dela, que do sustento." (Ob. cit., ibidem).

Mais evoluída era a situação social, pois os tabajaras eram habitualmente pacatos e somente quando agredidos mostravam-se ferozes na defesa.

Informa o Pe. Assenso Gago, citado por Serafim Leite na "História da Companhia de Jesus no Brasil", III, p. 41, que "a nação tabajara, entre todas as do Brasil, é a de melhor juízo. Não resolvem coisa alguma de importância sem consulta e para isso costumam ter no meio da aldeia uma casa de parlamento, aberta por todas as partes, para que todos os que quiserem possam ouvir o que nela se determina. Havendo-se de consultar alguma coisa, manda o Principal armar uma rede lavada, em que se deita, e o mesmo fazem os fidalgos da Aldeia e todos os velhos que são chamados a conselho. Propõe o Principal, ouve os pareceres dos mais, propõem-se as dificuldades, resolvem-se as dúvidas e depois de altercado o ponto, determina o Principal o que se há de fazer."

Estes "senados" originais funcionavam tanto na Aldeia de Irapuã (Viçosa do Ceará), quanto na Aldeia de Jurupariguaçu (Ibiapina).

COSTUMES MORAIS E RELIGIOSOS

Os tabajaras eram supersticiosíssimos. Sem qualquer juízo crítico, acreditavam cegamente nos dizeres dos pajés ou adivinhos que possuiam muita ascendência moral.

O culto ao Ser Supremo era expresso em grandes festas, com música e dança, ao som estridente de pífaros e tambores, em que não faltava abundante vinho (cauim), fabricado dos mais variados frutos da terra. Eram eles, habitualmente, excessivamente intemperantes nas freqüentes bebedeiras, de que não se furtavam as mulheres e crianças.

A moral matrimonial era a mais depravada possível. Meninas de nove ou dez anos eram entregues ao comércio carnal, com a aprovação dos pais, a título de multiplicação necessária ao poder defensivo da taba. As mulheres eram repudiadas e substituídas conforme o desejo dos homens. Alguns deles chegavam a possuir quarenta a cinqüenta mulheres, em sucessivos repúdios, por motivos os mais banais. Somente as mulheres trabalhadoras eram mantidas por mais tempo, enquanto as preguiçosas eram abandonadas.

UVA BIBLIOTECA CENTRAL

Conseguir maior estabilidade no vínculo matrimonial foi uma das mais penosas e difíceis tarefas que os jesuítas tiveram que assumir.

Sob este aspecto, os tabajaras da Ibiapaba não eram muito diferentes dos demais índios da costa do Brasil. O trabalho de conseguir melhorar a moral, por parte dos padres, era facilitado pela índole das índias que eram naturalmente propensas a ser fiéis aos maridos. O fato já fora constatado por Gandavo que, no seu "Tratado da Terra do Brasil", publicado em 1576, afirma: "Estas índias guardam castidade a seus maridos e são muito suas amigas, porque também eles sofrem mal o adultério. Algumas se acham nestas partes que juram e prometem castidade e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem no consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem mulheres, e cortam seus cabelos da mesma maneira que os machos trazem, e vão à guerra com seu arco e flecha".

Na Ibiapaba houve casos de martírios na defesa da fidelidade matrimonial por parte de algumas destas índias, como foi o caso de Joana Nhanupatiba e o da índia Catarina, narrados com pormenores por Loreto Couto em "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco", p. 467, nº 9.

Os tabajaras não conheciam a noção de remuneração para os bons e pena para os maus. Todos os da tribo eram considerados bons, e maus eram somente os inimigos de outras aldeias. Esta mentalidade lhes fechava a compreensão de uma vida eterna após a morte, onde os moralmente bons seriam recompensados e os moralmente maus, castigados.

Também não conheciam a prática da oração de súplica, mas unicamente a de louvor manifestada nas festas religiosas.

Foi nesse ambiente tão adverso ao Evangelho que os primeiros missionários jesuítas tiveram que lutar para transmitir a mensagem de Cristo na primitiva catequese.

Na "Relação do Ceará", escrita em 1603, Martim Soares Moreno informa: "Fui com o Capitão-mor Pero Coelho de Sousa a descobrir e conquistar a província do Jaguaribe e Ceará e Mel Redondo, servindo de soldado, onde tivemos muita guerra com aqueles índios que eram infinitos e tinham muitos franceses em sua companhia."

Mesmo descontando as hipérboles do cronista, os indígenas eram realmente numerosos e os franceses não eram poucos na Ibiapaba, pois lá estiveram, em continuadas viagens, durante pelo menos quinze anos antes da chegada de Pero Coelho.

Não consta que tivessem tido algum sacerdote católico ou pastor da Reforma em sua companhia, pois provinham da Normândia e da Bretanha com intuito unicamente depredatório.

A presença dos franceses não desenvolveu qualquer trabalho de evangelização. O mesmo se pode dizer da comitiva de Pero Coelho, organizada com a intenção única de "descobrir e conquistar". O Capitão-mor açoriano estava empenhado em expulsar os franceses, onde os encontrasse na expedição até o Maranhão, ilha em que fundaram a França Equinocial, e vencer a resistência dos indígenas. Não há qualquer referência, por menor que seja, à participação de sacerdote nessa aventura, em que Pero Coelho não foi feliz, pois apenas conseguiu afugentar os franceses e os nativos sob alto preço, porque "gastou toda a sua fazenda, que era muita, e ali perdeu seus filhos a fome e a sede".

Nem os franceses e nem os companheiros de Pero Coelho tiveram qualquer influência religiosa na Ibiapaba.

A primeira tentativa de evangelização daquele planalto se deve, em verdade, aos padres jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira, que ali chegaram em abril de 1607.

O ENIGMA DA SAUDAÇÃO CRISTÃ

Antes de tratar sobre a evangelização empreendida pelos dois jesuítas, há um problema prévio a resolver. Refiro-me à saudação cristã com um principal da Ibiapaba, provavelmente Irapuã (Mel Redondo), recebeu os dois padres da Companhia de Jesus.

Narra o Pe. Luís Figueira, na "Relação do Maranhão", que antes de atingir o cume da serra, às duas ou três horas da tarde, depois de estafante caminhada de subida, "chegando-se o Principal a nós, nos abraçou dizendo: "Jesus!" E seguiu-se a "saudação lacrimosa", sinal de contentamento pela chegada de pessoas estranhas, mas desejadas e queridas.

Onde o tuxaua ibiapabano aprendeu o nome de Jesus? Por quem foi evangelizado, anteriormente? Eis o enigma...

O problema se complica ainda mais, porque linhas adiante afirma o mesmo Pe. Figueira que "um mancebo mameluco tinha ido, com outros brancos, e por lá se ficou com outro, e havia três anos que se não confessavam nem ouviam missa".

Quem eram estes brancos já cristãos, presentes na Ibiapaba antes da chegada dos primeiros padres? Por quem teriam sido batizados?

Se há três anos não se confessavam e nem ouviam missa é evidente que anteriormente já o faziam. Mas onde?

A solução não é fácil, por falta de documentação. As explicações só se podem basear em conjeturas e suposições.

Tomás Pompeu Sobrinho (Nota 26 do Comentário), exclui o Maranhão e aventa a hipótese de que os jovens mamelucos teriam vindo, já catequizados, de alguma fazenda ou estabelecimento rural dos que naquele tempo se instalaram pelos sertões de Pernambuco ou Bahia.

Quanto ao fato de Irapuã já conhecer o nome de Jesus, a explicação seria porque ele acompanhou, na volta, a comitiva de Pero Coelho até a Paraíba, onde foi catequizado, dali retornando, no início de 1606, à Ibiapaba. Outros supõem que assim o fez por instrução recebida de um emissário da comitiva que antecedeu a chegada dos padres.

A EXPEDIÇÃO RELIGIOSA

Tomando conhecimento do malogro da expedição de Pero Coelho realizada quatro anos antes, os jesuítas de Olinda, julgando que tais empresas caberiam mais apropriadamente a eles, homens religiosos dedicados à proteção, amparo e catequese dos índios, resolveram fazer nova tentativa em 1607,

convencidos de que os indígenas os acolheriam melhor do que a conquistadores seculares. Solicitaram os Padres da Companhia licença ao Governo da Metrópole e ao Capitão-mor de Pernambuco para os favorecer em tudo o que necessário fosse para o êxito do empreendimento.

Obtida a aprovação do Reino, conseguiram também o apoio da Câmara de Olinda e a expedição foi organizada. De princípio e propositadamente, foram os portugueses seculares excluídos da comitiva, pois na anterior, comandada por Pero Coelho, haviam sido presos e maltratados muitos índios e assim se evitaria desconfiança ou oposição por parte deles. Foi excluída também qualquer arma, pois uma comitiva religiosa deveria caminhar unicamente sob a proteção da cruz de Cristo

No sábado, 20 de janeiro de 1607, festa de São Sebastião, partiu do porto do Recife um caravelão conduzindo a expedição religiosa com destino à Serra da Ibiapaba, e dela ao Maranhão, com a finalidade de reconhecimento de tais terras e conversão dos índios. Estava sob o comando do Pe. Francisco Pinto, 55 anos, auxiliado pelo Pe. Luís Figueira, 33 anos, ambos do Colégio de Olinda e nomeados para essa empresa pelo Pe. Fernão Cardim.

Os padres traziam consigo apenas o mantimento necessário e muitos objetos para presentes, ou artigos de resgate, com o fim de atrair a simpatia dos aborígines, além das alfaias para os ofícios divinos.

Participava da expedição uma força de sessenta índios já catequizados e sob o comando do nativo Belchior da Rosa, capitão dos índios de Pernambuco, ele também indígena e muito entendido e respeitado entre os seus "por bem falar e entender as coisas".

A expedição desembarcou no porto do Jaguaribe no 1º de fevereiro e, no dia seguinte, que era festa de Nossa Senhora das Candeias, foi celebrada missa em terra, a primeira em solo cearense.

A expedição seguiu daí, a pé, em penosa e perigosa viagem na direção da Ibiapaba. No início, a caminhada foi mais rápida, costeando o mar. Um mês depois, dia 2 de março, alcançou as margens do rio Curu, onde se encontravam reuni-

dos alguns aborígines sob as ordens do cacique Acauí, tio de um dos integrantes da expedição. Houve troca de "crejupe", saudação de boas-vindas, e em torno do fogo se fez barulhenta festa de congraçamento que durou cinco dias. Ali foi levantada uma cruz, que ficou, na despedida, como um sinal de paz naqueles ermos sertões.

A 7 de março de 1607, a viagem prosseguiu com um desvio no itinerário, seguindo diagonalmente a sudoeste, da praia para o sertão, até alcançar a Serra dos Corvos (Uruburetama), cuja travessia, imensamente difícil e penosa, foi agravada pela morte de um índio, picado de cascavel.

No Sábado Santo, 24 de março, foi atravessado o rio Aracatiaçu sob uma chuva torrencial, com relâmpagos e trovões. Daí em diante, evitando outras serras, seguiu a caravana sofrida por campos cheios de lama e infestados de mosquitos, até atingir "uma chã e rasa ladeira", pelo dia 12 de abril. Era a subida que levava à Aldeia de Irapuã.

A CHEGADA NA SERRA

Na subida, antes de atingir o planalto, os padres foram recebidos pelo principal Irapuã, acompanhado de outros índios, que lhes ofereceram macaxeira cosida, um pouco de sal, pimenta da terra e um palmito para "assentar o estômago". Para surpresa dos dois jesuítas, o tuxaua chegou-se a eles e os abraçou dizendo: Jesus! Era no dia 14 de abril.

No dia seguinte, prosseguindo a viagem, chegaram à Aldeia que teria vinte casas, e aí permaneceram durante quinze dias, sob a proteção de Irapuã.

Ficaram agasalhados em uma das choças que para isso tinham preparado, narra o Pe. Luiz Figueira, e aí começaram a chegar presentes: alguém trazia meia dúzia de espigas de milho, alguém um palmito, alguém uma abóbora, "que era o de maior preço".

Quinze dias permaneceram os jesuítas nessa aldeia e não encontraram mais franceses. Muitos índios também tinham fugido para o Maranhão, após a perseguição sofrida de Pero Coelho.

Apesar da boa acolhida e dos agrados, sentiram-se os missionários em estado de penúria, uma vez que estavam "tísicos de magros" como se tivessem apenas a pele sobre os ossos e porisso teriam que procurar local mais apropriado "onde pudessem se refazer das forças". Pelas notícias que colheram, o local mais propício seria a outra aldeia, a de Jurupariguaçu, para onde mandaram um emissário para saber se os receberiam lá.

A resposta foi a mais alviçareira, pois um próprio irmão do cacique, de nome Jurupariaquena (Diabo Ligeiro), veio pessoalmente, com sua comitiva, para levar os padres.

Depois de caminhada lenta e custosa, com algumas paradas, uma delas para festejar a Ascensão, chegaram à aldeia.

A FESTIVA RECEPÇÃO

Dois dias antes da festa de Pentecostes, exatamente a 1º de junho, davam entrada na Aldeia de Jurupariguaçu, onde foram recebidos festivamente "com tantos gritos que pareciam doidos". Os padres desceram das redes, em que vinham conduzidos nos ombros dos indígenas, e foram homenageados com o som de um grande tambor acompanhado de gaitas, maracás e outros instrumentos. Logo foram conduzidos para a casa que lhes estava preparada e, durante toda a noite, houve dança e muito vozerio.

O primeiro trabalho dos padres foi levantar uma capela, coberta de palha, inaugurada a 29 de junho, festa de São Pedro. Na frente do oratório foi colocada uma cruz. Ao lado, foi aberta uma escola.

Durante mais de quatro meses ali permaneceram os padres, em trabalho de catequese, ensinando o preparo de roças e assimilando os costumes nativos. Ao cabo desse tempo, a aldeia estava limpa, bem arrumada.

Os fatos mais notáveis acontecidos durante a permanência dos padres foram anotados na "Relação do Maranhão", destacando-se a morte de Belchior Rosa, que foi sepultado na igrejinha depois que o corpo foi trazido em procissão em que cada índio portava uma candeia acesa; a festa de Nossa Se-

nhora da Assunção, a 15 de agosto, com procissão solene e missa cantada; as maravilhosas conversões de indígenas que pediam o batismo; o aparecimento de um cometa, muito brilhante, em fins de setembro, que foi motivo de temor para os índios e oportunidade para os padres pregarem sobre a morte e a conversão a Deus.

Como pretendiam ir até ao Maranhão, foram enviados alguns emissários aos tapuias que habitavam nos sertões do Piauí, com o fim de preparar a continuação da expedição. Finalmente, a 17 de outubro, deixaram a Aldeia de Jurupariguaçu.

A MORTE DO PADRE PINTO

Quando menos se esperava, apesar das precauções, a comitiva dos padres em viagem ao Maranhão foi assaltada pelos índios cararijus ou tocarijus. No ataque súbito, o Padre Pinto, que na ocasião rezava o breviário, foi barbaramente trucidado com pauladas na cabeça, a 11 de janeiro de 1608.

O local preciso do massacre é desconhecido, mas opina o historiador Geraldo Nobre em sua "História Eclesiástica do Ceará" — 1ª Parte, p. 70, que "o padre Luiz Figueira narrou que os assaltantes levaram tudo da igreja, deduzindo-se desta afirmativa estarem os missionários na ocasião de volta à aldeia de Jurupariaçu, embora ele não o tenha dito expressamente".

O corpo do mártir foi levado para o pé da serra e aí sepultado com uma cruz à cabeceira. No mesmo local foram também enterrados o índio Caraibpocu e um outro catecúmeno, ambos também vítimas daquele assalto.

Desse dia em diante, a aldeia de Jurupariguaçu passou a ser chamada "Mbay-Pina" ou "Pay-Pina", homenagem ao seu mártir Padre Pinto, verdadeiro fundador de Ibiapina, pois a integrou na civilização e a acolheu no grêmio da Igreja.

Com a morte do "Pai Pina" (Padre Pinto) e o retorno do Pe. Luís Figueira, a aldeia, como toda a Ibiapaba, ficou religiosamente abandonada.

A 16 de fevereiro de 1630 os holandeses ocupam o Recife. Dois anos depois, resolvem conquistar o Ceará com o envio de dois barcos de guerra. A tentativa foi neutralizada pela reação do Capitão-mor Domingos da Veiga Cabral, que corajosamente repeliu os invasores.

A 14 de outubro de 1637, tem início novo esforço dos holandeses para ocupar o Ceará. Nesse dia, sob o comando de Gartsman, partem do Recife dois hiates com uma leva de 126 soldados. No dia 25 chegam à enseada do Mucuripe e rendem os 33 homens portugueses que a guarneciam. Tem início um transitório domínio holandês que durou apenas sete anos, uma vez que foram desbaratados, em janeiro de 1644, pela indiada da costa, que trucidou a maior parte da guarnição invasora, inclusive o seu então comandante Morritz Jonge.

A 6 de abril de 1649, o holandês Matias Beck, em terceira tentativa, ocupa o solo cearense e à margem do rio Pajeú constrói a Fortaleza de Schoonenborch. Trazia consigo um pastor da Reforma com a finalidade de ensinar aos nativos "em sua língua a santa palavra de Deus". Trazia consigo também o intento de desenvolver a mineração, tendo para tal fim enviado compatriotas e índios até à Ibiapaba.

Enquanto tudo isto acontecia no Ceará, os holandeses dominavam também em Pernambuco, de onde fugiram muitas pessoas que vieram se refugiar no Planalto da Ibiapaba. A Serra se encheu de gente estranha, das mais diversas procedências e dos mais variados credos religiosos. Nessa época, afirma o Pe. Serafim Leite (Ob. cit., p. 18), os moradores da Serra "eram de três categorias sob o aspecto religioso: gentios, que nunca tiveram recebido a fé; católicos, mas que a esqueceram ou a desmentiam nos costumes; e herejes".

GENEBRA DOS SERTÕES

O Padre Antônio Vieira informa que "com a chegada destes novos hóspedes ficou a Ibiapaba verdadeiramente a Ge-

nebra de todos os sertões do Brasil, porque muitos dos índios pernambucanos foram nascidos e criados entre os holandeses, sem outro exemplo, sem conhecimento da verdadeira religião. Outros militavam debaixo de suas bandeiras com a disciplina de seus regimentos que pela maior parte são formados da gente mais perdida e corruta de todas as nações da Europa. No Recife de Pernambuco, que era a corte e empório de toda aquela nova Holanda, havia judeus de Amsterdam, protestantes de Inglaterra, calvinistas de França, luteranos de Alemanha e Suécia, e de todas as outras seitas do Norte; e desta Babel de erros particulares se compunha um ateísmo geral e declarado, em que não se conhecia outro Deus que o interesse, nem outra lei mais que o apetite; e o que tinham aprendido nesta escola do inferno, é o que os fugitivos de Pernambuco trouxeram e vieram ensinar à Serra". Desta maneira, prossegue o pregador, "dentro em poucos dias foram uns e outros semelhantes na crença e nos costumes, e no tempo em que Ibiapaba deixa de ser República de Baco (que era poucas horas por serem as borracheiras contínuas de noite e de dia), eram verdadeiramente aquelas aldeias uma composição infernal, ou mistura abominável, de todas as seitas e de todos os vícios, formada de rebeldes traidores, ladrões, homicidas, adúlteros, judeus, herejes, gentios, ateus, e tudo isto debaixo do nome de cristãos e das obrigações de católicos". (Ib. p. 19).

Informados desta calamitosa situação, os jesuítas do Maranhão resolveram fundar uma Missão na Ibiapaba.

ÊXITOS E FRACASSOS

Em fevereiro de 1656 foram feitas duas tentativas de viagens marítimas ao Ceará pelos jesuítas do Maranhão. Ambas fracassaram por absoluta falta de recursos para superar as dificuldades de navegação. Ambas, em pleno transcurso, tiveram que retornar antes de chegar ao destino. Na primeira destas tentativas os ventos contrários eram tão fortes, que o caminho de ida percorrido em cinqüenta dias foi desfeito em doze horas no retorno. Na segunda, o fracasso não foi menor, mas, compensada apenas pelo encontro que tiveram na praia com índios

vestidos à européia, provenientes da Ibiapaba, levando cartas aos padres do Maranhão. Eram onze, sob a chefia de Muririba.

A letra e estilo das cartas, diz o Pe. Vieira (Obras Várias, 2,66), "era dos índios pernambucanos, antigos discípulos dos padres, e a substância delas era darem-se os parabéns da nossa vinda, e significarem o grande alvoroço e desejo com que ficavam esperando para viverem como cristãos, não se esquecendo de lembrar aos padres como eles tinham sido os primeiros filhos seus, e quão vivas estavam ainda em seus corações a memória e saudades de seu santo pai, o Pai Pina, que assim chamavam ao Padre Francisco Pinto". (Ibidem).

Vieira, que vinha nesta viagem fracassada, recolheu os onze índios emissários da Ibiapaba e com eles retornou ao Maranhão.

Em fins de maio, novamente os jesuítas tentam viajar para a Ibiapaba e desta vez, a pé, a empresa foi bem sucedida. Vencendo os obstáculos das areias das praias, da voracidade dos indígenas que conduziam, da traição dos tremembés e da travessia de catorze rios, chegaram ao cimo da Ibiapaba a 4 de julho de 1656, após trinta e cinco dias de estafante viagem.

ESTABELECIMENTO DA MISSÃO

Para fixar a Missão dos Jesuítas na Ibiapaba foram escolhidos os padres Antônio Ribeiro, brasileiro de São Paulo, e Pedro de Pedrosa, português.

Não há informações precisas para se saber em que exato local da serra estes dois sacerdotes se estabeleceram nessa ocasião.

O certo é que traziam ordens superiores para não fazer residência definitiva, senão depois do reconhecimento da situação dos índios. No início deveriam montar a estada, provisoriamente, providenciando apenas o indispensável à catequese.

O Pe. Serafim Leite, sempre seguro e bem documentado nas informações, afirma que "a primeira recepção dos índios foi boa", por isso os padres não tiveram maiores dificuldades para construir igreja, fundar escola e dar início à catequese.

Evidentemente a ação pastoral atendia mais às populações das duas maiores aldeias: Viçosa e Ibiapina.

O trabalho catequético com as crianças foi bastante fácil e nos primeiros dois anos foram batizadas mais de setecentas. Quanto aos adultos, que tinham estado com os holandeses, foi notada muita resistência para abraçar a fé.

Dificuldades e problemas vários foram surgindo, principalmente notícias de ameaça de morte aos padres por parte de índios forasteiros e "patranhas religiosas dos herejes que as tinham bebido dos holandeses". Sem segurança, a permanência da Missão foi posta em questão, mas houve esforço para que continuasse.

Recebendo o Pe. Antônio Vieira a patente de Visitador e Superior de toda a Missão do Maranhão, resolveu ele mesmo vir até Ibiapaba, tendo partido a 3 de março de 1660, chegando ao destino no dia 24, quarta-feira de trevas.

PRESENÇA DO PADRE VIEIRA

O Pe. Antônio Vieira, que fizera a pé a viagem do Maranhão à Ibiapaba, conta que chegou com os pés cheios de chagas, "mas o tempo era de penitência e de meditar nas de Cristo". Estava em plena Semana-Santa.

Colocou a Missão sob o patrocínio de S. Francisco Xavier e, para resolver as principais dificuldades, determinou as seguintes providências: os índios inquietos seriam retirados para o Maranhão; as vinte povoações espalhadas pela serra seriam reunidas em uma só, grande e com igreja capaz para todos; todas as crianças seriam batizadas e inscritas no catecismo e na escola. E assim foi feito.

O local da nova povoação foi a mesma Aldeia de Simão Tagaibuna, o sucessor de Irapuã, onde as festas duraram "por doze dias e doze noites contínuas".

A presença do Pe. Vieira foi de apenas quarenta dias, uma vez que tinha outros problemas a resolver no Maranhão e para lá voltou nos primeiros dias de maio de 1660.

Deixou ali o Pe. Gonçalo de Veras, que trouxera, e levou consigo o Pe. Antônio Ribeiro. A Missão ficou então entregue ao primeiro e ao Pe. Pedro de Pedrosa.

A RETIRADA DOS PADRES

No ano de 1660 chegou também à Ibiapaba uma tropa enviada pelo Governador do Maranhão, Rui Vaz de Siqueira. Não se sabe com que fim esta incursão foi realizada. Domar os índios rebeldes, defender os padres, buscar âmbar ou minérios, providenciar a continuação da dependência do Ceará ao Estado do Maranhão e não ao Estado do Brasil, são as hipóteses apresentadas pelo Pe. Serafim Leite (Ob. cit., p. 29).

O chefe Tagaibuna recebeu a tropa em clima de guerra e com manifestações de hostilidade. A igreja foi saqueada e muitas ocas invadidas.

Por motivo da inimizade feroz dos índios, a tropa do governo maranhense recuou e retornou à sua origem.

Depois de tudo isto, não houve mais clima para a permanência dos padres na Missão. Mesmo sentindo oposição e vendo que suas vidas perigavam, tentaram permanecer, mas finalmente resolveram retirar-se. Foram acompanhados por mais de trezentos índios, chegando em setembro de 1662 ao Maranhão, onde se formou uma aldeia com esses aborígines que com eles viajaram.

Durou pouco mais de seis anos a Missão, mas outras tentativas seriam feitas, pois os jesuítas queriam permanecer definitivamente na Ibiapaba.

NOVAS TENTATIVAS

Logo no ano seguinte, 1663, dois padres foram enviados ao Ceará, mas desta feita a Fortaleza, onde ficariam sob a proteção do Capitão-mór do presídio. No caminho, foram apaziguados indígenas na aldeia de Camocim, onde foi levantada uma tosca capela.

A assistência religiosa à Ibiapaba não foi interrompida, pois os jesuítas a ficaram visitando, intermitentemente, embora de maneira precária. Em 1669, porém, receberam ordens para

"que se abstivessem de tratar com os índios da Ibiapaba, em guerra com tribos vizinhas".

Em 1686 o Pe. Gonçalo Veras, que viera com o Pe. Vieira e ficara, tenta novamente ir restaurar a Missão, mas faleceu antes de conseguir o intento. Dois anos depois, aconteceu o mesmo com o Pe. Pedro de Pedrosa, que morreu a caminho do Ceará.

Vale ressaltar a presença do Frei Francisco de Sá que, a pedido de Tagaibuna, esteve na Serra durante a ausência dos jesuítas. O frade chegou ao Planalto, pela primeira vez, no ano de 1673, trazendo consigo uma tropa de trinta soldados e cento e cinqüenta índios.

A FIXAÇÃO DEFINITIVA

Em 1691, com a chegada do Padre Ascenso Gago e do Pe. Manuel Pedroso, a Missão dos Jesuítas da Ibiapaba foi retomada e teve completo êxito, ao contrário das duas vezes anteriores. Pernurou até 4 de junho de 1759, quando foram expulsos os padres por ordem do Marquês de Pombal. Foram 68 anos de intensa influência na formação religiosa da região. Esta influência se estendeu pelo sertão e pelo litoral. Um dos grandes méritos da Missão foi a pacificaçao dos indígenas, geralmente inimigos uns dos outros.

A 15 de agosto de 1700 foi oficialmente fundada a Aldeia da Ibiapaba no sítio onde hoje se encontra a cidade de Viçosa do Ceará. Formou-se da reunião de três aldeolas vizinhas, tornando-se o centro religioso de toda a zona norte da Capitania. Ampliou-se a igreja, construiu-se a casa de residência dos padres e abriu-se uma grande escola. Os jesuítas tiveram até mesmo o cuidado de prover a organização civil e militar, dividindo os índios em companhias e nomeando-lhes os capitães. O Pe. Serafim Leite (Ob. cit., p. 67) chega a afirmar que a aldeia em pouco tempo se transformou, tornando-se "a maior de todo o Brasil", com mais de quatro mil habitantes.

O Pe. Ascenso Gago, nascido em 1665, em São Paulo e falecido em viagem para a Bahia a 17 de maio de 1717, foi o maior missionário da Ibiapaba. Seu companheiro Pe. Manuel

Pedroso faleceu na Serra da Meruoca, a 27 de setembro de 1736.

Além destes, outros sacerdotes ali se destacaram, como os Padres Francisco de Lira, João Guedes, Manuel Batista e Rogério Canísio.

Na história religiosa de Ibiapina, como de toda a Serra da Ibiapaba, a ação dos jesuítas foi o fator mais decisivo para a implantação da fé e organização da Igreja.

AÇÃO DOS PADRES SECULARES

Quando Dom João III, de Portugal, em 1534, dividiu a costa do Brasil em Capitanias Hereditárias, o território que hoje compõe o Ceará estava compreendido em três doações distintas:

1. Dos limites do Rio Grande do Norte até o Rio Jaguaribe, parte da doação que coube a João de Barros;

2. Do Rio Jaguaribe ao Rio Mundaú, toda a doação de 40 léguas que coube a Antônio Cardoso de Barros;

3. Do Rio Mundaú aos limites com o Piauí, parte da doação que coube a Fernão Alvares de Andrade.

Apesar de não terem sido ocupadas, as demarcações oficiais dessas Capitanias serviram para a determinação dos limites das divisões eclesiásticas e civis posteriores.

A Junta das Missões, criada a 7 de março de 1681 com sede no Recife, cuja finalidade era organizar a catequese de toda a região norte do Brasil, utilizou estes limites para prover de missionários as terras do Ceará. Para tanto, foi criada uma vigararia geral com jurisdição em toda a colônia, com sede na Fortaleza, e dois curatos auxiliares compreendendo o primeiro as terras entre o Rio Grande do Norte e o Rio Jaguaribe, e o segundo, as terras entre o Rio Mundaú e o Piauí. Este último é o chamado Curato do Acaraú, a que a Serra da Ibiapaba ficou pertencendo e que começou a funcionar em 1712.

Na organização civil foram adotados os mesmos critérios, ficando o território cearense dividido em três distritos: Jaguaribe, Ceará e Acaraú. O primeiro, correspondendo ao Curato do Jaguaribe, carteava-se com parte da capitania hereditária de João de Barros; o segundo, com a capitania de Antônio Cardoso de Barros; o terceiro, correspondendo ao Curato do Acaraú, carteava-se com parte da capitania de Fernão Alvares de Andrade.

O DISTRITO DO ACARAÚ

Luís dos Santos Vilhena, em sua obra "Notícias Soteropolitanas e Brasílicas", escrita em 1802 na Bahia, fornece, à página 684, detalhadas informações sobre os três distritos do Ceará Grande.

Por nos interessar neste trabalho apenas o Distrito do Acaraú, vai transcrita a sua descrição: "Compreende a Capitania do Ceará Grande três distritos, quais sejam: o do Ceará

UVA BIBLIOTECA CENTRAL

que fica na costa no meio da capitania a que dá o nome, o do Acaraú e o da Ribeira do Jaguaribe. (...) O Distrito chamado do Acaraú, que terá 70 léguas de costa, correndo do ocidente para o oriente, começa na margem do rio Parnaíba, que na costa divide esta da Capitania do Maranhão, de que em outro tempo foi parte, e pelo interior das terras a separa da Capitania do Piauí, finalizando o Distrito de que falo na margem do rio Mundaú, que o divide daquele do Ceará. Da costa para o interior das terras, terá este Distrito de fundo, em partes, 40, 50, 60 e 70 léguas, sendo sempre a sua maior extensão para a parte do sul, onde vai compreender uma considerável porção da Serra Grande ou da Ibiapaba. Toma este Distritro o nome do rio maior, que por ele corre, chamado Acaraú, o qual tem a sua origem na Serra dos Cocos e decorre pelo espaço de 60 léguas até entrar no mar".

Os limites do Distrito, descritos por Vilhena, correspondem exatamente aos do Curato do Acaraú, de que falarei mais abaixo.

Mais adiante, página 690, falando sobre a Serra da Ibiapaba, diz o mesmo historiador ser esta "muito pouco povoada, apesar de fertilíssima pela maior parte. Unicamente se acham situadas nela a Vila Nova Real, a Vila Viçosa d'El Rei e a Povoação de Bayapina (sic), e apenas se encontram algumas famílias de brancos, dispersas por elas".

Sobre a existência de minérios, informa: "Nas grandes quebras que em diversos sítios faz quase perpendicularmente, observando-se a natureza de suas rochas, se encontram obviamente nela diferentes minas de metais e semimetais, como sejam, cobre, ferro, magneto, molibdeno, almagre, pedra hume, caparrosa, várias espécies de cristais, ametistas, jacintos, talco, vidro moscovítico, — tem igualmente, em sítios diferentes, ricas minas de prata, principalmente no lugar chamado Ipu e em Bayapina, onde estiveram abertas e se trabalharam com faculdade régia, concedida a um comerciante português por nome Vasco Lourenço, sendo para este fim enviado um Superintendente, o qual por várias desordens tornou infrutuoso aquele estabelecimento, não obstante as ricas amostras que se remeteram para a Corte".

Como se vê, Ibiapina (Bayapina) pertencia ao Distrito e, evidentemente, ao Curato do Acaraú.

O CURATO DO ACARAÚ

Na Junta de Missões do Recife foi estudada a possibilidade da criação de um Curato na Ribeira e Distrito do Acaraú, desde o governo do Capitão-mór Sebastião de Sá (1678-1682), que enviou circunstanciadas informações sobre o assunto.

O Curato, no entanto, só foi organizado em 1712, sob o comando do Padre João de Matos Monteiro, mais conhecido por Padre Matinhos, auxiliado por três Missões assim distribuídas: Missão dos Tremembés do Aracatimirim, sediado em Aimofala, entregue ao Pe. José Borges de Novais; Missão dos Reriús, sediada na Serra da Meruoca, entregue ao Pe. José Teixeira de Miranda e Missão dos Aconguaçus do Rio Camocim, entregue ao Pe. Antônio de Sousa Leal. Ao Padre Matinhos, como Cura responsável, cabia a superintendência de todo o Curato e assistência religiosa aos habitantes das margens do rio Acaraú.

Desde quando começou a funcionar o Curato, simultaneamente com a ação dos jesuítas, os padres seculares exerceram o ministério na Ibiapaba.

Entendia o Padre Matinhos que o território do Curato compreendia toda a extensão da Serra, enquanto os jesuítas não se julgavam submissos à jurisdição do Cura. Esta discordância de interpretação motivou alguns conflitos entre os padres da Companhia de Jesus da Missão de Viçosa e os padres seculares do Curato.

CONFLITOS DE JURISDIÇÃO

No ano de 1713 houve insurreição dos indígenas contra os colonizadores brancos que começavam a se apossar das terras cedidas por sesmarias. Sopeados pelos invasores, os nativos reagiram com violência em vários pontos do Ceará. Enquanto os Anacés acometiam a Vila de Aquirás, os Reriús

da Ribeira do Acaraú, obrigaram muitos brancos a fugir para a Ibiapaba, em busca da proteção dos jesuítas que controlavam os Tabajaras.

Os padres seculares que missionavam no Curato pareciam, aos olhos dos indígenas, que protegiam e defendiam o direito de expropriação dos brancos, enquanto os jesuítas eram vistos como protetores dos índios. Surgiu então um conflito que trouxe muitas dificuldades para o trabalho dos missionários do curato nascente.

A revolta dos silvícolas chegou a preocupar o Governador de Pernambuco, José Félix Machado, que por Ordem de 24 de setembro de 1713, enviou tropas e mantimentos para reforçar as do Ceará. Enviou também para a Ibiapaba o Pe. João Guedes, jesuíta, com a incumbência específica de impedir que os índios já aldeados se unissem aos revoltosos.

Este sacerdote verificou que alguns moradores brancos, recém-chegados aos sertões do Acaraú, viviam em mancebia com as índias, conquistadas à força ou retiradas de suas aldeias. O fato foi comunicado ao Bispo de Pernambuco, que escreveu uma Carta Pastoral aplicando a pena de excomunhão aos que retivessem índias em suas casas e não as repusessem em suas aldeias, no prazo de noventa dias.

O Padre Matinhos, que teve conhecimento da Pastoral por via indireta, negou-se a cumpri-la, entrando em choque com os jesuítas que logo a puseram em prática. O Cura pretendia mostrar que competia a ele, e não aos padres da Companhia de Jesus, a obrigação e a responsabilidade do pastoreio daquela região.

O Pe. Serafim Leite (ob. cit., p. 68) afirma que essa desavença deu lugar a processos e contra-processos, cuja papelada incrível se encontra no Arquivo Histórico Colonial de Lisboa.

Os jesuítas foram acusados dos mais diversos crimes e o Padre Matinhos foi chamado a Pernambuco, dali retornando somente em 1716.

A LICENÇA DO CURA

Para evitar maiores dificuldades em seu ministério, os jesuítas, que sempre foram exemplares na virtude da obediência, não criaram obstáculos para solicitar do Cura do Acaraú a necessária licença a fim de ministrar os sacramentos, mesmo na capela principal da Missão.

Já em 1714 algumas crianças foram batizadas em Viçosa sob licença do Cura, como prova o seguinte documento: "Aos treze dias de setembro de mil setecentos e catorze batizou, de minha licença, o Padre Ascenso Gago da Companhia de Jesus, na igreja da Missão da Ibyapaba, a Isabel, filha de Luís Borges de Veras Castro e de sua mulher Antônia de Sousa Thores e lhe pôs os santos oleos. Foram padrinhos João Bandeyra de Melo e Serafina de Sá, de que fis este termo em que assigno"; (Liv. 1º de Assentos do Curato do Acaraú, fl. 101 v.).

No texto original manuscrito, que se acha arquivado na Cúria Diocesana de Sobral, não há a assinatura do Cura. Este é um dos poucos termos de batismo feitos pelos jesuítas na Ibiapaba e registrados nos livros do Curato. Os demais, ou estão perdidos ou guardados em algum arquivo da Companhia de Jesus. Caso estivessem acessíveis à pesquisa, seriam um valioso manancial de informações para a reconstrução da História da Igreja no Ceará.

O Pe. Antônio de Sousa Leal, que, como vimos, foi missionário dos indígenas aldeados na ribeira do rio Camocim ou Coreaú, batizava também sob licença do Cura, como prova o seguinte documento: "Aos vinte dias de novembro de mil setecentos e quinze, de licença do Rdo. Cura desta freguezia, batizou o Pe. Antônio de Sousa Leal, com santos óleos, a Maria, filha do Comissário Geral Pedro da Rocha Franco e de sua mulher Da. Victória Rois da Câmara, moradores desta freguezia. Padrinhos o Pe. Ascenso Gago da Companhia de Jesus e Catarina Ribeiro de Morais". (Liv. Bat. Curato do Acaraú, nº 2, fl. 18 v.).

Ainda em janeiro de 1740 há registros de batismos ministrados em Ibiapina pelo Padre-Mestre Manoel Pinheiro, Supe-

rior da Missão de Viçosa, com licença do Cura do Acaraú, Pe. Elias Pinto de Azevedo.

O INTERVALO MARANHENSE

Quando Vilhena escreveu as cartas que compõem as "Notícias Soteropolitanas e Brasílicas" era pacífico que Ibiapina pertencia ao Distrito do Acaraú do Ceará Grande, porém, durante mais de um século, a povoação esteve sujeita ao governo civil do Maranhão.

Pelo Decreto Régio de 13 de junho de 1621 a Terra de Santa Cruz foi dividida em dois Estados: o do Maranhão e o do Brasil. A Capitania do Ceará ficou agregada ao Estado do Maranhão, mas sem limites bem definidos, até o ano de 1656, quando foi anexada à jurisdição de Pernambuco. Ibiapina, contudo, continuou ligada ao Maranhão.

A indefinição dos limites entre o Ceará e o Piauí, ainda hoje não precisamente estabelecidos, fez com que a região de Ibiapina fosse considerada como pertencente ao Distrito do Piauí do Maranhão. O problema só ficou resolvido pela Carta Régia de 21 de outubro de 1741, expedida a pedido do Pe. José da Rocha, SJ., que determinou fosse a povoação de Ibiapina anexada ao Ceará, fazendo parte da Missão da Ibiapaba.

A medida foi tomada porque competia ao Pe. José da Rocha pacificar todas as tribos contra as quais fora mandado o Capitão Francisco de Almeida, em que estavam incluídos os índios de São Pedro da Ibiapina.

Durante os 120 anos em que Ibiapina pertenceu oficialmente à jurisdição do Maranhão, não há notícia de que dali tivesse sido enviado qualquer missionário secular para catequizar a povoação.

A VISITA DO PADRE LINO

No ano de 1742 o Curato do Acaraú foi visitado pelo Pe. Dr. Lino Gomes Correia, "Vigário Colado da Igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário da Freguezia da Várzea, Capelão

Fidalgo de Sua Majestade e Visitador Geral dos Sertões do Norte pelo Exmo. Sr. Bispo Dom Frei Luís de Santa Teresa".

Nessa visita, em resumo, percorreu o seguinte itinerário: No mês de maio chegou à Capela de Almofala, seguindo depois para Santa Cruz (Bela-Cruz). No dia 2 de junho se encontrava em Santana do Acaraú. No meado do mês alcançou a Fazenda Caiçara, hoje Sobral, quando a escolheu para sede fixa do Curato e ordenou que aí se construísse a Matriz. A 17 de julho visita a Capela de Nossa Senhora do Rosário de Groaíras, local em que tomou conhecimento de que grande número de índios estava aglomerado na povoação de Ibiapina, entregue aos penosos trabalhos de escavação das minas de Ubajara, sob as ordens do Superintendente Antônio Gonçalves de Araújo. Resolveu então para lá se dirigir com o fim de prover a assistência religiosa daqueles operários.

Chegou a Ibiapina no dia 28 de julho. No dia seguinte, por ser domingo, celebrou missa diante de grande multidão que ouviu atentamente sua palavra. Ali permaneceu até o dia 31, tendo determinado que o Padre José da Cruz Canedo, coadjutor do Curato, ficasse encarregado da desobriga daquela população, enquanto perdurassem os trabalhos da escavação das minas.

Padre Lino era natural do Recife, filho do Cel. Miguel Correia Gomes e de Catarina Gomes Figueiredo. Era da família dos "Quatro Cunhados", assim chamada porque quatro irmãos se casaram no mesmo dia, conforme informa A.J. Vitoriano Borges da Fonseca em "Nobiliarquia Pernambucana", I, 177.

Padre Lino tinha cinco irmãos sacerdotes: os jesuítas Vicente Gomes Correia e Inácio Correia, o carmelita Frei Felipe, o oratoriano Pe. Luís Correia e o padre secular Manuel Gomes Correia, que foi primeiro vigário da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação de Natal.

CONTINUA A MINERAÇÃO

No dia 9 de abril de 1743, chega à povoação de Ibiapina uma expedição estrangeira para continuar os trabalhos de exploração das minas, sob a superintendência de Antônio Gon-

çalves de Araújo. Corria o boato de que havia "tanta prata na ladeira de Ubajara que os índios a derretiam como caieiras, deitando lenha em cima", pelo que a comissão européia foi contratada para explorá-la. Faziam parte dessa equipe os mestres João Cristóvão Sporgel (alemão), Jean Fontenelle (francês) e os portugueses João de Oliveira Carnide e Estevão Gomes Madeira.

As conclusões da Comissão foram negativas, pelo que o Superintendente revoltou-se e entrou em sérias desavenças contra os mestres europeus. Houve processos e ameaças de morte, sendo os acusados chamados a juízo pelo Juiz Ordinário Domingos Alves Ribeiro.

O Superintendente, sempre teimoso, não desistiu da empreitada, tendo enviado um longo relatório, escrito em Ibiapina e datado de 2 de abril de 1746, ao Rei, no qual denunciava a má vontade da Comissão e as arbitrariedades cometidas pelo Ouvidor Manuel José de Farias, que teria subornado a referida Comissão.

Apesar desses fracassos, a idéia da viabilidade de exploração das minas continuou viva.

Durante o governo de João Batista de Azevedo Montaury nova tentativa frustrada. Em carta datada de 17 de outubro de 1787, Jean Fontenelle, já residente em Viçosa, comunica àquele Governador que até aquele momento nada de positivo se tinha descoberto nas escavações.

Apesar de todas essas notícias negativas, durante o governo de João Carlos Augusto de Oeynhausen foi enviado à Ibiapina o naturalista João da Silva Feijó para apresentar relatório detalhado sobre a viabilidade de nova exploração.

O naturalista chegou à povoação em fins de abril e no dia 2 de maio de 1804 escreve carta ao Governador, datada de São Pedro da Ibiapina, mostrando-se entusiasmado com os resultados de suas observações no lugar Pindoba, onde diz ter encontrado sete ricas nitreiras naturais, além de outras menos consideráveis. Afirma que Pindoba dispõe de água, trabalhadores braçais, gêneros alimentícios abundantes, madeira de construção suficiente, além da necessária, para obtenção de

cinzas. Diz mais que ali a exploração seria viável, sugerindo ao Governador que fizesse instalar em Pindoba a caldeira pequena de cobre e a grande de ferro que se encontravam inúteis na antiga oficina do termo de Quixeramobim. Concluía o naturalista Feijó dizendo que as minas de salitre de Pindoba deveriam ser exploradas o mais rapidamente possível.

O laboratório de Pindoba chegou a funcionar, mas teve que encerrar suas atividades quando, em 1808, o Governador Oeynhausen deixou o poder.

A carta do naturalista Feijó, escrita de Ibiapina, foi transcrita na íntegra pelo historiador Geraldo S. Nobre no livro "João da Silva Feijó, um naturalista no Ceará", Fortaleza, 1978, p. 220.

A FREGUESIA DE VIÇOSA

Cumprindo ordens do Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos de todo o Reino de Portugal, e evidentemente do Brasil.

A 18 de maio de 1759 o Governador de Pernambuco encarrega o Ouvidor Bernardo Coelho da Gama Casco para ir à Ibiapaba encerrar a Missão dos Jesuítas e expulsar os padres.

Para eliminar a influência dos jesuítas, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Assunção, entregue a sacerdote secular, e instalada a Vila Viçosa Real da América. Tal foi a providência a ser tomada pessoalmente por aquele Ouvidor Geral que chegou ao local no dia 4 de junho de 1759, segundo consta do relato deixado pelo piloto Manuel Rodrigues dos Santos.

A nova freguesia foi entregue aos cuidados do Pe. Dr. Luís do Rego Barros, seu primeiro vigário, auxiliado por dois cooperadores, os Padres José Machado Freire e Francisco Ferreira da Silva.

O território da paróquia se estendia sobre a Serra até vizinhanças com Campo Grande, hoje cidade de Guaraciaba do Norte, limite da então Freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos criada, apenas dois anos antes, exatamente a 30 de agosto de 1757.

A povoação de São Pedro da Ibiapina passou então a pertencer à nova freguesia, sob cuja jurisdição esteve, durante 160 anos, até a criação da paróquia de São Benedito.

CAPELÃES RESIDENTES

Criada a freguesia de Viçosa, Ibiapina ficou sendo assistida religiosamente pelos vigários e cooperadores dali. Esta assistência era feita periodicamente, mas sem sacerdote residente na povoação.

Temos o conhecimento de dois sacerdotes que fixaram residência em Ibiapina como capelães: O Padre Mamede Antônio de Lima e o Padre João José Mendes de Melo. O primeiro exerceu estas funções em 1843 e 1844, e o segundo, de 1862 a 1864.

Nasceu o Pe. Mamede no Icó, filho de Mariano Antônio de Lima e Teresa Maria de Lima. Seu pai era alfaiate e veio residir em Sobral em 1821, quando o filho tinha apenas dois anos de idade. Estudou as primeiras letras e humanidades com o Professor Gregório Francisco Torres de Vasconcelos.

Colega do sobralense Padre Antônio de Sousa Neves, Padre Mamede foi ordenado sacerdote do Maranhão no ano de 1842. Após a ordenação, foi nomeado Capelão de Ibiapina, onde fixou residência durante dois anos.

Em 1845 transferiu-se para o Piauí, sendo nomeado Vigário Colado da Freguesia de Nossa Senhora do Amparo da Vila do Poti, onde entregou-se também a atividades políticas como membro do Partido Conservador.

Graças a seus esforços conseguiu mudar a sede de sua paróquia para a Chapada do Corisco, núcleo inicial da cidade de Teresina, para onde foi transferida a Capital daquela Província, removida de Oeiras.

Padre Mamede Antônio de Lima faleceu ali em outubro de 1877.

O outro capelão que residiu em Ibiapina foi o Pe. João José Mendes de Melo, mais conhecido por Padre Melo. Dirigiu os destinos espirituais daquela povoação, no meio de desordens e irregularidades, de 1862 a 1864.

Nasceu o Padre Melo em Sobral, a 29 de novembro de 1823, sendo filho de Antônio José de Melo e Teodósia Maria da Conceição. Seu pai, natural de Pernambuco, era comerciante em Sobral, onde chegou no ano de 1815.

Matriculado no Seminário de Olinda em 1842, foi ali ordenado sacerdote no ano de 1845. Depois de passar dois anos na cidade natal, foi nomeado cooperador de Granja, onde esteve em 1847 a 1848. No período de 1849 a 1861 voltou a residir em Sobral como auxiliar do vigário, tempo em que percorreu toda a paróquia em contínuas desobrigas.

No ano de 1862 transferiu residência para Ibiapina, onde já morava sua irmã Constança Maria Teodósia, mulher do comerciante Antonino Lopes Freire, filho de Otaviano Lopes Freire e Inocência Maria da Conceição, com quem casara a 24 de setembro de 1852.

Documento datado de 10 de dezembro de 1862, que encontrei no Arquivo Público de Fortaleza, registra um termo de hipoteca de seus bens, incluída uma casa de morada em Sobral e o Sítio São Pedro na Serra da Meruoca, para garantir o pagamento de um empréstimo, no valor de um conto e trezentos mil réis, que fizera a João de Matos do Amaral.

A 15 de maio de 1863, consegue novo empréstimo, no valor de duzentos mil réis, recebido do Coronel Pedro de Brito Passos, dinheiro com que adquiriu por compra o sítio Monte, no lugar Nazaré, propriedade de Manuel Bezerra Vale, um outro cunhado, casado com sua irmã Maria Teodósia Bezerra.

A 18 de maio de 1864 é chamado a Fortaleza pelo Bispo Dom Luís Antônio dos Santos a fim de prestar exames canônicos, ocasião em que é severamente repreendido por fazer casamentos irregulares na freguesia de Viçosa. Foi suspenso de ordens, exceto a de celebrar missa.

Acabrunhado com a pena eclesiástica, voltou à Ibiapina, mas ali pouco se demorou, pois transferiu-se para a Diocese do Maranhão. Ali, foi readmitido às ordens sacras e nomeado vigário de Marvão, atual Castelo do Piauí, falecendo a 6 de junho de 1869.

Em Ibiapina, o Pe. João José Mendes de Melo passou por muitos dissabores, por se envolver em demasia em assuntos

materiais. Certa vez, na ocasião em que se dispunha a celebrar a missa, foi arrastado até a rua, desacatado e agredido. Por este motivo, fechou a igreja e deixou de residir em Ibiapina.

AÇÃO DO PE. JOSÉ TOMAS

Religiosamente falando, a população da Serra da Ibiapaba não gozava de boa fama. Alguns casos de perversidade contra sacerdotes justificavam, até certo ponto, este desonroso labéu. O trucidamento do Padre Pinto, as violentas agressões contra o Padre Mariz, o assassinato do Padre Valcácer, sevícias contra frades e religiosos em Campo Grande, os crimes e morticínios em Bananeiras, Taperacima e Tabatinga, eram manchas negras nas páginas da história ibiapabana.

Ademais, alguns vigários de Viçosa não foram fiéis aos deveres sacerdotais.

Tudo isto concorria para criar um clima de generalizada frieza espiritual na população.

Em Ibiapina, particularmente, ocorriam frequentes homicídios, conseqüência de bebedeiras, arruaças e motins.

Foi no auge desta decadência moral e apatia religiosa que a Ibiapaba recebeu a visita do Pe. José Tomás de Albuquerque, figura de missionário incansável e exemplar sacerdote. Percorreu ele toda a extensão do planalto, de 1863 a 1865, pregando o amor cristão e a prática da virtude. Reformou capelas e construiu cemitérios em Viçosa, Tianguá, Ibiapina, São Benedito e Guaraciaba do Norte. A medir pelas obras que construiu por onde passou, aparece como um dos mais zelosos sacerdotes que a Igreja do Ceará conheceu.

Natural de Cajazeiras, Paraíba, foi ordenado no Seminário de Olinda no ano de 1855. Sua vida foi toda de intensa peregrinação. Construiu capelas em Itapagé, Jardim, Barbalha, Fortaleza, Tianguá; capelaneou Meruoca, esteve pelo Amazonas, foi vigário de Amarração e Cura de Tianguá. Por onde passou, levantou escolas, ensinou técnicas agrícolas e difundiu a catequese.

Em 1891, já setuagenário, fixou residência em Fortaleza, vindo a falecer em um dos leitos da Santa Casa, a 20 de fevereiro de 1893.

Sua ação na Ibiapaba deixou rastros profundos de cristianismo na alma do povo.

Exemplo de abnegação e de zelo sacerdotais, foi alvo do respeito e da admiração de quantos o conheceram.

Foi ele quem construiu o sobrado onde hoje funciona, na Meruoca, o Patronato e o Centro de Treinamento da Diocese de Sobral.

FROUXIDÃO DOS COSTUMES

Quando o Pe. José Tomás esteve em Ibiapina, a população era composta de muitos adventícios desordeiros e de maus costumes. Ainda quando Antônio Bezerra a visitou, em 1884, conforme deixou registrado em suas "Notas de Viagem", p. 154, ainda a encontrou com esta pecha degradante.

É o seguinte o depoimento de Antônio Bezerra: "Nos poucos dias que aqui me demorei, notei certa frouxidão de costume na população, principalmente na classe baixa, que além de tudo é insubordinada e dissoluta. Em geral é admitida com certa indiferença a mancebia, sem que por isso sejam privados de todas as considerações os que a mantêm publicamente. Restos ainda dos costumes indígenas. Conheci um indivíduo que vivia com a sua messalina, seus filhos, e do mesmo modo com as irmãs desta. É realmente uma sociedade difícil de se conciliar em outra parte, onde se preze a moralidade e os bons costumes". E prossegue: "Pelo desprezo em que correm as coisas do culto, dir-se-ia que a religião católica não é aqui a religião do Estado, ou por outra, que os sacerdotes se devem submeter aos costumes da terra".

Mais adiante o historiador procura explicar as causas de tão triste estado de coisas: "Quero crer que em grande parte seja atribuído esse estado lastimoso ao elemento estranho que para a Serra trouxe a seca de 1877, composto de homens sem princípios, sem dignidade, sem caráter, verdadeira massa flutuante, que aparecendo aqui, como na Capital, deu mostras de sua miséria, do seu atraso, de sua depravação".

Antônio Bezerra não pôde se demorar em Ibiapina para concluir suas observações pelo motivo que alega: "A índole do povo ressente-se de certa ferocidade. O ano passado, dentro de poucos meses, se deram no município diversos assassinatos, sendo o mais horroroso o de Casimiro Francisco Ponte, esfaqueado barbaramente no meio da rua por Clementino Ferreira Jardim, seus filhos, um cunhado e um irmão. Eu mesmo fui vítima de insultos de um ébrio, que veio à casa de minha residência provocar-me e, receando repeli-lo convenientemente, visto como há bastante que temer da fereza destes canibais, preferi retirar-me quase precipitadamente sem ter completado as informações de que necessitava". (P. 157).

Realmente não era boa a fama de que Ibiapina desfrutava. Foi para coibir tais abusos e modificar tal mentalidade que se pensou em criar uma paróquia com sacerdote residente.

A CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

A idéia da criação de uma freguesia na povoação de São Pedro da Ibiapaba não nasceu de uma vez, mas foi amadurecendo progressivamente. Já em 1863, o Pe. José Tomás de Albuquerque levou o assunto ao Pe. José Bevilaqua, então vigário colado de Viçosa, que foi contrário ao projeto.

Os argumentos favoráveis do Pe. José Tomás baseavam-se na localização geográfica da povoação em pleno centro da serra, na existência de um bom patrimônio doado pelo Capitão Pedro Francisco de Paula e sua esposa Antônia Maria do Espírito Santo por escritura pública de 15 de novembro de 1861 e na necessidade urgente de um intensificado esforço da Igreja para coibir os maus costumes muito difundidos na região.

Em 1866 a população, não satisfeita com a atuação do Pe. Beviláqua, empreendeu campanha para se emancipar da freguería de Viçosa. Neste sentido, com data de 9 de julho do mesmo ano, foi enviado um longo abaixo-assinado à Assembléia Provincial Legislativa, no qual eram feitas graves denúncias contra o Pe. Bevilaqua que havia anexado o cemitério de Ibiapina à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, por ele criada com a finalidade quase exclusiva de exigir pagamento das sepulturas. Alegaram os numerosos signatários que o cemitério local fora construído, com esmolas do povo, pelo Pe. José Tomás de Albuquerque. Como prova do que afirmavam, foi anexada uma declaração subscrita em Meruoca pelo próprio padre construtor daquele necrotério, datada de 19 de julho de 1866, na qual afirmava que os cemitérios de Viçosa, Ibiapina e São Benedito tinham sido feitos "com esmolas do povo e para o povo", conforme se lê no processo que encontrei no Arquivo Público, em Fortaleza.

O caso foi levado ao conhecimento do Bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, que se limitou a escrever ao Pe. Bevilaqua determinando que suspendesse a cobrança de taxas paroquiais para sepultamentos no cemitério público de Ibiapina. O problema da criação da freguesia, porém, não foi abordado.

O PROJETO NA ASSEMBLÉIA

Durante o Império, como a Igreja estava unida ao Estado, o poder eclesiástico não podia erigir canonicamente qualquer paróquia sem que antes o projeto fosse aprovado pela Assembléia Legislativa e a aprovação sancionada em lei pelo poder executivo.

A povoação de Ibiapina recobrou as esperanças de ver criada a freguesia, quando um de seus filhos foi eleito Deputado Provincial. O jovem Miguel Soares e Silva, então com apenas 24 anos de idade, venceu as eleições em 1868, tornando-se o primeiro filho de Ibiapina a assumir uma cadeira na Assembléia Legislativa do Ceará.

Durante o biênio em que exerceu o mandato, sua primeira preocupação foi tentar conseguir a criação do município, para depois propor a criação da freguesia de sua terra natal. Por sua inexperiência de jovem nas injunções políticas, não chegou a sensibilizar os colegas para apoiar a iniciativa e concluiu o mandato sem realizar seu intento.

Infelizmente não foi reeleito para o biênio seguinte (1870-71), sendo substituído, como representante da Ibiapaba, por Antônio Joaquim da Silva Carapeba, residente em São Benedito. Como é natural, este novo deputado teve pressa em defender os interesses de sua comuna, pelo que apresentou projeto para a criação de mais um município na Serra da Ibiapaba, com sede na povoação em que residia. Depois de muito esforço conseguiu que o projeto fosse aprovado e sancionada a Lei nº 1.470, de 18 de novembro de 1872, que criou o município de São Benedito, com sede na Vila de igual nome.

No biênio seguinte (1872-73), nem Miguel Soares e nem Antônio Carapeba foram reeleitos, passando a representação da Ibiapaba na Assembléia a ser exercida por João Severiano Silveira, irmão do General Tibúrcio, ambos filhos de Viçosa. Coube a esse Deputado, incentivado pelo Pe. Bevilaqua, propor a criação da freguesia de São Benedito, tendo conseguido fosse sancionada a Lei nº 1600, de 6 de agosto de 1874, que decidiu tal providência.

Ibiapina passou então a ser distrito e capela de São Benedito. Este fato fez com que a população se sentisse frustrada em sua aspiração de independência, mas, por outro lado, se sentisse parcialmente satisfeita por ter se desligada da jurisdição do Pe. José Bevilaqua.

Apesar de tudo, a idéia de um dia possuir seu próprio vigário residente continuou viva no coração do povo.

DEPOIS DA SECA, O TRIUNFO

No ano de 1877 sobreveio a grande seca que assolou toda a Província. A Ibiapaba, contudo, tornou-se um oásis de vegetação e uma terra da promissão no meio do sertão ressequido e inóspito. Para lá foram atraídas muitas levas de emigrantes, aumentando consideravelmente a população.

Ibiapina, particularmente, acolheu numerosas famílias famintas que, salvas da calamidade, não mais quiseram regressar aos lugares de origem. Apesar dos problemas morais e sociais que a secou deixou, a povoação prosperou e o comércio se desenvolveu.

Nesse tempo, aproveitando-se a mão-de-obra abundante e barata, foram intensificados os trabalhos de construção de uma nova igreja, iniciada em agosto de 1875 com um pequeno auxílio público. Os serviços estavam dirigidos por Miguel Soares e Silva, sendo tesoureiro o Alferes Alexandre Honorato de Carvalho.

No Arquivo Público de Fortaleza se encontra um documento de prestação de contas dessa construção, no qual aparece, no rol das despesas, uma conta de quatrocentos réis destinada ao pagamento de duas garrafas de cachaça, por semana, "para os que cavavam o alicerce".

Em 1878, dez nos após o primeiro mandato, Miguel Soares e Silva é novamente eleito Deputado, cargo que, dessa vez, desempenhou por três biênios consecutivos. Com esta eleição, as esperanças da povoação se reavivaram e chegaram ao triunfo. Duas metas teria o Deputado a atingir: a criação do município e, posteriormente, a criação da freguesia.

Nesse tempo governava o Ceará o sobralense Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, futuro Barão de Sobral, conhecedor das necessidades da região. Coube a ele assinar a Lei nº 1.773, de 23 de novembro de 1878 criando o município de Ibiapina, com sede na Vila de igual nome.

Vencida a primeira etapa, o Deputado Miguel Soares partiu para a segunda batalha. Logo no início da legislatura de 1880 apresentou o Projeto nº 21/80, propondo a criação da Freguesia de São Pedro da Ibiapina.

O Projeto, levado à Comissão de Assuntos Eclesiásticos, foi aprovado a 26 de julho de 1880 com a seguinte redação:

"Art. 1º — Fica criada uma Freguesia na Vila da Ibiapina, com a invocação de São Pedro.

Art. 2º — A nova freguesia, desmembrada das de São Benedito, Palma e Sobral, terá os mesmos limites de seu município.

Art. 3º — A freguesia de São Benedito terá os mesmos limites do respectivo município.

Art. 4º — Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Comissões, 26 de julho de 1880. Antonino Pereira de Alencar. Antero José de Sousa. Niceno Clodoaldo Linhares".

É interessante observar que os três deputados signatários eram sacerdotes.

Apesar de sido aprovado por unanimidade, o Parecer teve que esperar mais de dois anos para ser sancionado pelo poder executivo. Os efeitos depressivos da grande seca e as mudanças de quatro Presidentes em menos de dois anos, após a exoneração do Barão de Sobral, retardaram esta providência.

Finalmente, o Presidente Sancho de Barros Pimentel assinou a Lei nº 1.979, de 9 de agosto de 1882, criando a Freguesia de São Pedro da Ibiapina.

A INSTITUIÇÃO CANÔNICA

Publicada a Lei, competia agora ao poder eclesiástico instituir canonicamente a freguesia e nomear seu primeiro vigário.

A 13 de maio de 1881, Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará que fora agraciado com o título de Marquês do Monte-Pascal pelo Imperador Dom Pedro II, foi transferido para a Sé Primacial da Bahia. A Diocese do Ceará ficou então sendo governada pelo Vigário Capitular, Mons. Hipólito Gomes Brasil, que dirigiu os destinos da Igreja cearense, durante quase três anos, até a posse de Dom Joaquim José Vieira ocorrida a 24 de fevereiro de 1884. Foi durante esse tempo de sede vacante que a Freguesia de São Pedro da Ibiapina foi canonicamente instituída.

Antes da assinatura da Provisão, recebeu Mons. Hipólito a cópia do texto do Projeto de Lei, que lhe foi enviado pela Comissão de Estatística da Assembléia, para receber aprovação quanto à redação final. O texto foi redigido por uma comissão composta de cinco deputados sacerdotes, a saber: Pe. Bernardino de Oliveira Memória, vigário de Pacatuba; Pe. Francisco da Mota Sousa Angelim, vigário do Ipu; Pe. Sizenando de Castro e Silva, vigário de Morada Nova; Pe. João Antônio do Nascimento e Sá, vigário de Maria Pereira (Mombaça) e Pe. João Carlos Augusto, cooperador de Lavras da Mangabeira.

Tomadas todas as providências exigidas pelo Direito Eclesiástico e julgadas conforme, a Provisão de confirmação, ereção e instituição canônica da Freguesia de São Pedro da Ibiapina foi assinada pelo Vigário Capitular do Ceará no dia 20 de janeiro de 1883, data marcante da História Religiosa de Ibiapina, cujo centenário estamos agora comemorando.

O primeiro vigário, Padre Pedro Cavalcante Rocha, foi nomeado por Portaria de 31 de março de 1883 e tomou posse a 24 de maio do mesmo ano.

POSSE DO PRIMEIRO VIGARIO

A notícia da criação da freguesia e da nomeação do primeiro vigário, como não podia deixar de ser por tão longamente esperada, foi recebida com imenso júbilo pela população de Ibiapina. Todo o povo se movimentou para receber o seu pastor.

Enquanto na Vila as ruas eram limpas, as casas residenciais pintadas e a Matriz cuidadosamente ornamentada, na Assembléia Legislativa era apresentado Projeto do Deputado Lamartine Nogueira, filho de Viçosa, autorizando o Governo da

UVA BIBLIOTECA CENTRAL

Província "a despender a quantia de cinco contos de réis com a construção de uma estrada de rodagem que, partindo da Vila de Ibiapina, vá terminar na cidade de Sobral, ponto terminal da Estrada de Ferro do mesmo nome".

Foi nesse clima de intensa euforia que o Pe. Pedro Cavalcante Rocha foi recebido pela população.

A organização dos festejos esteve a cargo do Pe. Tomé Alves de Carvalho, então cooperador da paróquia de São Benedito, que pregou um tríduo de preparação espiritual, ensaiou os cânticos e cerimônias da missa e providenciou a boa disposição da casa paroquial.

A posse oficial foi realizada durante uma missa solene na Matriz, às 9 horas da manhã do dia 24 de maio de 1883, que, apesar de ser uma quinta-feira, reuniu grande número de fiéis que lotou completamente o recinto do templo.

No dia seguinte, o novo pároco abriu o Livro do Tombo lavrando a seguinte ata de posse: "Certifico que em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, foi publicada a Provisão de confirmação, ereção e instituição canônica desta Freguesia de São Pedro da Ibiapina, à estação da missa parochial do dia 24 de maio de 1883, pelo Reverendo Coadjutor da Freguesia de S. Benedito, Pe. Thomé Alvares de Carvalho. E para em todo o tempo constar, passo o presente que assigno com o reverendo sacerdote acima referido e mais pessoas assistentes ao acto. Ita in fide Parochi. S. Pedro de Ibiapina, 25 de Maio de 1883. O vigário Pedro Cavalcante Rocha, Padre Thomé Alvares de Carvalho, Miguel Soares e Silva, Francisco Coriolano Pereira, Lupércio Antônio Coelho de Albuquerque, Alexandre Honorato de Carvalho, Victorino Alves Teixeira, Francisco de Freitas Costa, Inocêncio Ferreira de Araújo Manso, Manoel Vicente de Oliveira Cabral, João de Sousa Donettes, Anselmo Moreira da Silva, Vicente Flaviano Teixeira". (Liv. Tombo, I, fl. 1v.)

A VILA E A MATRIZ

Nesse ano de 1883, Ibiapina, segundo testemunho ocular de Antônio Bezerra que a visitou pessoalmente no ano seguinte, era "uma pequena vila de 32 casas de telha e 72 de palha, edificadas em muitas partes separadas umas das outras". (Ob. cit. p. 148)

"Tem uma espaçosa praça, no centro da qual se acha a igreja-matriz, templo excelente e bem conservado que foi erigido no mesmo lugar da casa de oração da Companhia de Jesus que a construíra ao tempo em que missionavam os índios desta parte da serra", afirma referido historiador.

A vila era composta de cinco ruas, a saber: Rua da Câmara, do Carvalho, da Estação Telegráfica, Miguel de Melo e Miguel Soares, sendo esta a melhor por encerrar os melhores prédios. As casas, quando não de taipa, eram construídas de tijolo cru. Havia ainda um mercado e o cemitério público.

Apesar de pequena, a vila se desenvolvia regularmente nos últimos anos, pois atesta Antônio Bezerra que há dez passados ali havia apenas três casas de telha e trinta de palha. A educação era ministrada em duas escolas primárias, sendo uma para o sexo masculino e outra, para o feminino. A população da sede era calculada em mil habitantes e a da paróquia, em cerca de nove mil.

Na Matriz havia três altares: o principal de São Pedro e dois laterais dedicados a Nossa Senhora da Conceição e São Miguel, respectivamente.

Durante os cem anos de sua história, a Paróquia de Ibiapina teve 19 vigários, sendo 16 titulares e 3 interinos, cujos nomes e datas de posse vão abaixo relacionados:

1. PE. PEDRO CAVALCANTE ROCHA
   de 24. Mai. 1883 a 03. Jul. 1885.
2. PE. PRIMÊNIO FREIRE DAS VIRGENS (Interino)
   de 03. Jul. 1885 a 22. Ago. 1885.
3. PE. FRANCISCO TEÓTIME DE MARIA VASCONCELOS
   de 23. Ago. 1885 a 28. Ago. 1886.
4. PE. MANUEL LIMA DE ARAÚJO
   de 28. Nov. 1886 a 17. Dez. 1894.
5. PE. TOMÉ ALVES DE CARVALHO (Interino)
   de 21. Dez. 1894 a 21. Out. 1895.
6. PE. FRANCISCO INÁCIO DA COSTA MENDES
   de 22. Out. 1895 a 20. Mar. 1896.
7. PE. FRANCISCO CÂNDIDO DE VASCONCELOS
   de 15. Abr. 1896 a 21. Fev. 1906.
8. PE. JOAQUIM SEVERIANO DE VASCONCELOS
   de 25. Mar. 1906 a 12. Dez. 1912.
9. PE. FRANCISCO LEOPOLDO PINHEIRO FERNANDES
   de 13. Dez. 1912 a 06. Mar. 1914.
10. PE. DR. BERNARDINO FERREIRA ANTERO
    de 16. Abr. 1915 a 28. Set. 1916.
11. PE. BRAULIO FIGUEIRA DE VASCONCELOS
    de 28. Set. 1916 a 02. Jan. 1918.
12. PE. ANTONIO CÂNDIDO DE MELO
    de 05. Fev. 1918 a 09. Mar. 1947.
13. PE. FRANCISCO TUPINAMBÁ MELO
    de 06. Jul. 1947 a 05. Jan. 1953.
14. PE. EGBERTO RODRIGUES DE ANDRADE
    de 06. Jan. 1953 a 06. Jan. 1955.
15. PE. JOSÉ ARISTIDES CARDOSO
    de 30. Jan. 1955 a 24. Mar. 1955.
16. PE. FRANCISCO EUDES FERNANDES
    de 30. Mar. 1955 a 10. Jan. 1957.
    PE. JOSÉ ARISTIDES CARDOSO (segunda vez)
    de 13. Jan. 1957 a 02. Jun. 1968.

17. PE. FRANCISCO TARCISIO MELO (Interino)
de 03. Jun. 1968 a 03. Fev. 1969.
18. PE. JOSÉ PRADO PONTE
de 09. Fev. 1969 a 05. Mar. 1973.
19. PE. ODILON MARINHO DE PINHO
de 07. Abr. 1973 a.....

A seguir apresentamos sucintamente os traços biográficos de cada um destes vigários, com ligeiras informações sobre o que realizaram na paróquia de Ibiapina.

1. PADRE PEDRO CAVALCANTE ROCHA

Nasceu no distrito de Aracatiaçu, município de Sobral, a 18 de janeiro de 1858, sendo filho de Mariano Cavalcante Rocha e Tereza de Holanda Cavalcante. Neto paterno de Bernardino José da Rocha e de sua segunda mulher Rosa Maria de Jesus. Neto materno de Arnau de Holanda Cavalcante e Joaquim Ferreira da Costa.

Depois de estudar humanidades em Sobral com o Professor Vicente Ferreira de Arruda, foi matriculado no Seminário de Fortaleza a 8 de março de 1873. Foi ordenado sacerdote a 16 de janeiro de 1881, tendo celebrado a primeira missa solene na Matriz de Itapipoca a 5 de fevereiro do mesmo ano.

Suas primeiras atividades sacerdotais foram desenvolvidas em Sobral, de cuja Matriz foi nomeado cooperador a 15 de março de 1882, com posse a 16 de abril e exoneração a 31 de março do ano seguinte, dia em que foi nomeado primeiro Vigário de Ibiapina.

Tomou posse da nova paróquia a 24 de maio de 1883, permanecendo na função durante pouco mais de dois anos. Seus esforços iniciais foram no sentido de profligar os maus costumes, tarefa que lhe foi bastante árdua. Certa feita, enquanto pregava, foi ameaçado em pleno púlpito, mas não desistiu do cumprimento de seus deveres de moralizar o seu rebanho. De 30 de junho a 2 de julho de 1885, a paróquia recebeu a visita

do Bispo Diocesano, Dom Joaquim José Vieira, da qual deixou um relatório escrito no Livro do Tombo, fl. 21 v., por onde se vê o zelo e a dedicação do Pe. Pedro. Eis o teor do relatório: "Dom Joaquim José Vieira, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo do Ceará, do Conselho de S.M. e Imperador, Comendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, etc. Fazemos saber que visitando pessoalmente esta Parochia de S. Pedro da Ibiapina, da qual é páraco encomendado o Revdo. Pedro Cavalcante Rocha, achamos tudo em ordem, revelando zelo da parte do páraco. A escripturação está regularmente feita, o cemitério e a Matriz decentemente conservados. Esta Parochia criada por Lei Provincial nº 1919, de 9 de agosto de 1882, foi canonicamente instituida por Provisão de 20 de janeiro de 1883, tomando posse o atual páraco a 24 de maio do mesmo ano. A matriz, conquanto não seja muito espaçosa, é todavia suficiente para o serviço do culto, sendo para notar-se a urgente necessidade de forrar-se a capela-mor e a parte do corpo da igreja correspondente aos altares laterais. A pia batismal, colocada em uma pequena capela, exige também algum cuidado do novo páraco no sentido de fazer uma porta de grade, e mesmo uma pia maior. Não foi descuidoso o Revdo. Páraco, ora removido para outra parochia, pois tratou de arranjar sacrário e outros objetos necessários ao culto. Ao seu sucessor incumbe fazer aquisição das alfaias que faltam e concluir as obras da Matriz, para os quais deixamos a esmola de trinta mil réis que entregamos ao Revdo. Páraco. Dado e passado nesta Vila e Freguesia de S. Pedro da Ibiapina, aos dois de julho de 1885. Eu, o Pe. Belarmino José de Sousa, secretário da visita, o escrevi, † Joaquim, Bispo do Ceará".

Foi durante esta visita que o Pe. Pedro foi transferido para a paróquia de Itapajé, por nomeação de 30 de junho. No dia 3 de julho, deixou Ibiapina em companhia do Bispo Dom Joaquim que se dirigia a Sobral para prosseguir a visita pastoral. Com sua transferência, Ibiapina, por determinação de Dom Joaquim, ficou entregue aos cuidados do Pe. Primênio Freire das Virgens.

A 7 de agosto de 1883 conseguiu licença para construir capela em honra de São José, na povoação de Jacaré, hoje

cidade de Ubajara, em terreno doado por José Lopes Freire.

A 9 de julho de 1885 tomou posse da freguesia de Itapajé, onde permaneceu até 18 de agosto de 1888, dia em que recebeu Carta Comendatícia para se transferir para Pernambuco. Ali foi vigário de Itambé durante seis meses. Em janeiro de 1889 seguiu para o Rio de Janeiro, onde esteve durante sete anos como cooperador da Matriz do Sacramento e da Glória.

Sentindo vocação para a vida religiosa, ingressou no noviciado dos padres lazaristas em Petrópolis, a 6 de janeiro de 1896, fazendo votos a 6 de janeiro de 1898.

Como padre da Congregação da Missão, percorreu os Estados do Paraná, Minas Gerais e Bahia pregando retiros espirituais e missões populares.

No ano de 1910 veio ao Ceará em visita aos familiares, quando pregou missões em Aracatiaçu, Sobral e Massapê. No ano seguinte retornou ao Sul do País, dedicando-se durante quinze anos a pregar missões e retiros.

No ano de 1925 foi convidado a vir ao Ceará para pregar o retiro do clero em Fortaleza e Sobral. Daqui retornou a Salvador da Bahia, como Superior dos Lazaristas, residindo na Casa das Missões do Largo da Pólvora.

Vítima de uma desastrosa queda de uma escada, faleceu em Salvador a 12 de abril de 1927, com 69 anos de idade. Seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério de Fortaleza a 12 de abril de 1939.

Sacerdote de profunda vida espiritual, foi exemplo de virtude e de amor à Igreja.

2. PE. PRIMÊNIO FREIRE DAS VIRGENS

Nasceu em Baixa Verde, Pernambuco, a 12 de novembro de 1848, filho de Marcelino Freire das Virgens e Maria Francisca das Virgens.

Matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 30 de abril de 1867, recebendo o presbiterato a 30 de novembro de 1875.

Nomeado vigário de Amarração, tomou posse a 27 de fevereiro de 1876, permanecendo nesse cargo até 5 de setembro

de 1879, quando foi transferido para a paróquia de São Benedito, em substituição ao Pe. João Rodrigues Alves de Mendonça, conhecido por Padre Joca, que falecera a 11 de março de 1879.

Padre Primênio tomou posse da freguesia de São Benedito a 14 de dezembro de 1879, exercendo a função, durante vinte anos, até 16 de julho de 1899.

Quando o Pe. Pedro Cavalcante Rocha deixou a paróquia de Ibiapina, assumiu interinamente essa freguesia como vigário mais próximo, enquanto se aguardava a nomeação do pároco substituto. Sua atuação em Ibiapina restringiu-se apenas a quarenta dias.

Em agosto de 1899 pediu transferência para o Bispado do Maranhão, por motivo de saúde, vindo a falecer em Barras, Piauí, no dia 21 de junho de 1900.

3. CÔNEGO FRANCISCO TEÓTIME DE VASCONCELOS

Nasceu em Santana do Acaraú a 15 de fevereiro de 1845, filho de José Inácio de Vasconcelos e Rosa Maria da Conceição. Era neto paterno de Inácio José de Vasconcelos e Joana da Costa Medeiros e materno, de Antônio Mendes de Vasconcelos e Teodora Inácia de Meneses.

Depois dos estudos primários na terra natal, matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 15 de novembro de 1864, sendo ali ordenado sacerdote a 15 de janeiro de 1871.

A 27 de fevereiro do mesmo ano, foi nomeado vigário de Pentecoste, tomando posse a 24 de junho. Nessa primeira paróquia esteve apenas durante um ano, sendo exonerado a 21 de agosto de 1872, por motivo de saúde.

Passou a residir em Santana do Acaraú, em cuja Matriz exerceu as funções de vigário cooperador. A 29 de julho de 1885, durante a Visita Pastoral de Dom Joaquim José Vieira nessa paróquia, recebeu a nomeação de vigário de Ibiapina.

A posse dessa freguesia se deu a 23 de agosto de 1885, tendo recebido o cargo das mãos do Pe. Primênio Freire das Virgens.

Padre Teótime demorou-se em Ibiapina apenas um ano, pois não se sentiu com forças suficientes para enfrentar os maus costumes já muito irraigados em certas camadas da população. Temendo ser desacatado, pediu demissão, entregando a paróquia a seu sucessor no dia 28 de agosto de 1886. Com sua saída, a freguesia, durante três meses, voltou a ser curada pelo vigário de São Benedito.

Padre Teótime não pôde permanecer em Ibiapaba, também porque exercia mandato de Deputado Provincial, eleito para o biênio 1884-85, pretendendo ser reeleito para o binênio seguinte. Na Assembléia, informa Hugo Victor, "onde frequentava a tribuna, tomou parte em debates acalorados", não sendo homem para engolir desaforos. Em cartas dirigidas ao Presidente da Provincia, "empregou uma linguagem que se poderá dizer violenta, na defesa dos interesses da religião e dos direitos de suas paróquias". (Hugor Victor, em "Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará").

Desse tempo em diante, voltou a residir em Santana do Acaraú, de cuja freguesia foi cooperador. A 20 de julho de 1898 assumiu a paróquia na qualidade de vigário, função que exerceu até 13 de dezembro de 1912.

Durante o paroquiato em Santana, reconstruiu a Capela de São Manuel do Marco e construiu a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Acaraú mirim, benta em janeiro de 1906 e a de Nossa Senhora do Carmo de Aiuá, iniciada em abril de 1911.

Faleceu, em Santana do Acaraú, a 9 de julho de 1915, sendo sepultado na Matriz.

4. PE. MANUEL LIMA DE ARAÚJO

Nascido em Assaré a 27 de agosto de 1840, era filho de Francisco Antônio de Araújo e Maria Francisca de Jesus.

Foi matriculado no Seminário de Fortaleza juntamente com seu irmão Germano Antenor de Araújo. Ambos foram ordenados sacerdotes a 30 de novembro de 1867.

Pe. Manuel Lima iniciou sua carreira sacerdotal em Maranguape, onde tomou posse da função de cooperador a 19 de abril de 1868, exercendo-a até 31 de dezembro de 1870. A 6 de janeiro do ano seguinte assumiu a capelania de Trairi e a 9 de agosto de 1872, a capelania de Paracuru, onde permaneceu até 9 de março de 1874.

Transferiu-se para Arneirós, onde esteve até ser nomeado vigário de Saboeiro, freguesia da qual tomou posse a 2 de setembro de 1877. No ano anterior, foi eleito Deputado Provincial, cujo mandato procurou exercer com muita assiduidade, tendo se desleixado dos deveres paroquiais. Em face disto, foi suspenso de ordens por estar ausente da paróquia durante a Visita Pastoral de Dom Joaquim. Preferiu ficar na Assembléia a estar na Matriz prestando assistência ao Bispo. Exonerado do cargo de pároco de Saboeiro a 3 de julho de 1886, permaneceu em interdição até 9 de setembro, quando procurou se reconciliar com o Bispo Diocesano, a quem pediu perdão pela grave falta cometida.

Reconciliado com a Igreja, foi nomeado vigário de Ibiapina a 30 de outubro de 1886, tomando posse a 28 de novembro. Durante mais de oito anos dirigiu os destinos da paróquia com muito zelo. Prestou muita assistência à povoação de Jacaré, (Ubajara), cuja capela construiu e benzeu. Faleceu em Ibiapina a 17 de dezembro de 1894, sendo sepultado na Matriz.

Quando vigário de Saboeiro publicou "Instrução Moral da Infância", catecismo destinado à mocidade.

5. PE. TOMÉ ALVES DE CARVALHO

Nasceu em Iguatu a 21 de dezembro de 1834, sendo filho de João Alves de Carvalho e Luciana Maria de Góis.

Matriculou-se no Seminário de Olinda e, posteriormente, no de Fortaleza, onde foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1867.

Iniciou suas atividades sacerdotais na paróquia de Tamboril como cooperador, tomando posse a 14 de junho de 1868. Ali também se dedicou ao magistério, sendo nomeado, pelo

Presidente da Província, a 28 de junho de 1870, Inspetor Literário dessa localidade. Esteve em Tamboril até 12 de julho de 1871, quando foi surpreendido pela nomeação para o cargo de coadjutor de Iguatu. Na terra natal permaneceu até o mês de setembro de 1874.

Nomeado a 4 de setembro, tomou posse da função de Vigário de Tamboril no dia 4 de outubro de 1874, retornando ao lugar de sua estimação, pois ali fizera muitas amizades durante sua permanência anterior. Infelizmente, problemas de saúde o obrigaram a deixar a freguesia no dia 5 de janeiro de 1876. Para se restabelecer, fixou residência em Iguatu na companhia da família.

Refeito dos achaques, foi nomeado cooperador de São Benedito a 7 de fevereiro de 1879; como auxiliar do Pe. João Rodrigues Alves de Mendonça, conhecido por Padre Joca. Com o falecimento deste, no dia 11 de maio, assumiu interinamente essa freguesia. Com a posse do sucessor, voltou às funções de cooperador.

A 13 de janeiro de 1887 passou a ser cooperador de Ibiapina, assumindo interinamente a paróquia com a morte do Pe. Manuel Lima de Araújo, ocorrida a 17 de dezembro de 1894. Nomeado oficialmente a 21 de dezembro, esteve à frente da paróquia durante dez meses. Com a posse do Pe. Francisco Inácio da Costa Mendes, continuou em Ibiapina como cooperador.

Sempre solicitado para ajudar em missões e desobrigas nas freguesias vizinhas, Pe. Tomé, em outubro de 1892, foi ao Ipu a fim de ajudar as missões pregadas pelo Frei Davi. Ali sentiu-se mal e resolveu voltar para Ibiapina. Ao chegar em Guaraciaba do Norte foi solicitado para ouvir confissão do Pe. Custódio de Almeida Sampaio. Enquanto confessava o colega, foi fulminado por um enfarte do miocárdio. Era o dia 16 de outubro de 1892. Morria aos 58 anos incompletos.

Pe. Tomé morreu administrando um sacramento e recebendo outro. Enquanto ministrava a Penitência, recebia a Unção dos Enfermos.

Conta-se do Padre Tomé, que ele gostava de criar galinhas e as conhecia pelo nome que impunha a cada uma.

6. PE. FRANCISCO INACIO DA COSTA MENDES

Nasceu em Boa-Viagem a 14 de maio de 1842, filho de Inácio Mendes Guerreiro e Joana Gomes da Silva. Neto paterno de José da Silva Bezerra e Joana Batista Ferreira e materno, de Luciano Alves da Costa e Ana Alves da Costa.

É irmão dos professores João de Araújo da Costa Mendes e Manuel Teófilo da Costa Mendes.

Foi ordenado sacerdote em Fortaleza no dia 30 de novembro de 1867. No ano seguinte foi nomeado vigário de Boa-Viagem, com posse a 5 de abril do mesmo ano, permanecendo nessa função durante doze anos.

A 13 de janeiro de 1879, renunciou o paroquiato da terra natal, transferindo-se para o Maranhão, onde presidiu os destinos da freguesia de Codó em 1882 e 1883.

Retornando ao Ceará, foi nomeado vigário de Camocim, onde esteve de 5 de outubro de 1884 a 22 de outubro de 1895. Em 1888 reconstruiu a capela de Amarelas.

Assumiu a freguesia de Ibiapina a 22 de outubro de 1895, onde esteve apenas durante cinco meses, renunciando a 20 de março de 1896. Pouco fez nessa paróquia, por motivos de saúde.

A 18 de junho de 1897 foi nomeado vigário de Meruoca, tendo tomado posse a 11 de julho. Pouco menos de três anos depois, faleceu ali, exatamente no dia 1º de junho de 1900.

7. PE. FRANCISCO CÂNDIDO DE VASCONCELOS

Era mais conhecido por Padre Candinho, nome de infância. Nasceu em Sobral a 4 de setembro de 1870, filho de José Peregrino de Vasconcelos e Maria da Glória Vasconcelos. Neto paterno de José Rodrigues de Vasconcelos e Maria Ferreira Gomes, e materno, de José Joaquim de Araújo e Maria dos Reis do Oriente.

Estudou as primeiras letras com o professor Filomeno Leitão. Foi matriculado no Seminário de Fortaleza a 6 de março de 1886.

Foi ordenado sacerdote a 2 de dezembro de 1894 em Fortaleza, tendo cantado a primeira missa solene na Matriz de Sobral a 13 de dezembro do mesmo ano. Nesse mesmo dia foi nomeado vigário de Independência, mas a Portaria foi revogada, pelo que não chegou a tomar posse. Removido então para a paróquia de Ibiapina, assumiu a 15 de abril de 1896.

Seu paroquiato em Ibiapina teve duração de quase dez anos, tempo em que fundou várias associações religiosas, construiu na sede a capela de São Francisco e ampliou a capela de São José de Ubajara. Aliou suas atividades religiosas às políticas, vindo a ser nomeado Prefeito Municipal de Ibiapina, em 1904, pelo Presidente Nogueira Accióli, cargo que exerceu durante dois anos.

Terminado o mandato de Prefeito, foi demitido da paróquia a 21 de abril de 1906 por determinação expressa de Dom Joaquim José Vieira.

A partir daí fixou residência em Sobral, onde passou o restante da vida. A 3 de março de 1913, acusado de não ser fiel aos compromissos sacerdotais, foi suspenso de ordens, em termos acres. Emendado e arrependido, voltou ao uso das ordens. Nesse tempo, começaram os esforços para a criação da Diocese de Sobral e preparação de seu patrimônio, trabalho a que o Padre Candinho se dedicou com alma e coragem.

Depois da posse de Dom José Tupinambá da Frota no Bispado de Sobral, costumava ser convidado para acompanhar as visitas pastorais, serviço que prestou com muita dedicação.

Faleceu repentinamente em Sobral, na noite de Natal, 25 de dezembro de 1929, tendo sido sepultado na Capela de São José, da vila Patriarca.

8. PE. JOAQUIM SEVERIANO DE VASCONCELOS

Nasceu em Santana do Acaraú a 7 de agosto de 1872, filho de Vicente Severiano de Vasconcelos e sua segunda mulher Maria da Glória da Conceição. Neto paterno de Diogo José de Sousa e Constança Maria do Carmo. Neto materno de Tomás Lourenço da Costa e Angélica Francisca Veras.

Pelo lado paterno é primo legítimo do Mons. Diogo José de Sousa Lima e pelo materno, primo legítimo do poeta Pe. Antônio Tomás e tio do Pe. José Arimatéia Cisne.

Matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 7 de março de 1888 e recebeu o presbiterato a 30 de novembro de 1895.

Em 1896 foi nomeado professor do Seminário do Crato e em 1899, cooperador do vigário Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira, que depois foi Bispo da mesma cidade. Ali permaneceu durante seis anos.

De 22 de junho de 1903 a dezembro de 1905, esteve em Acaraú como coadjutor de seu primo, Pe. Antônio Tomás.

Foi nomeado vigário de Ibiapina a 21 de fevereiro de 1906, tomando posse no dia 25 de março. Durante o seu paroquiato nessa vila, construiu nova capela, mais ampla, em Ubajara e benzeu a Capela de Santana, hoje Matriz de Mucambo, cuja licença para construí-la conseguiu a 11 de janeiro de 1908, em terreno doado por Lourenço Pereira Lima.

A 18 de agosto de 1907 benzeu a pedra fundamental do novo cemitério de Ibiapina, inaugurado a 11 de dezembro. Adquiriu uma imagem do padroeiro São Pedro, oferta do Pe. Pedro de Abreu Pereira, então Vigário de Guaraciaba, cuja bênção solene realizou na festa do orago, 29 de junho de 1908. Colocou uma laje de mármore sobre o túmulo de seu antecessor, Pe. Manuel Lima de Araújo, sepultado na Matriz. Construiu ainda a capela de Araticum, em honra de São Vicente de Paulo, cuja bênção se deu a 25 de novembro de 1909. Adquiriu para a Matriz uma imagem de São Francisco, benzendo-a a 7 de setembro de 1911.

Do dia 21 a 24 de agosto de 1912, Ibiapina recebeu o Bispo Dom Manuel da Silva Gomes, em visita pastoral. Foram quatro dias de intensa atividade espiritual e pastoral. Durante a visita, Dom Manuel lhe comunicou que, como prêmio de seu zelo, o iria transferir para uma paróquia maior, Santana do Acaraú, terra de seu berço. Deixou então Ibiapina, com grande lamento da população, que lhe admirava o zelo, a 13 de dezembro de 1912. Nesse último ano de sua gestão, houve na paróquia 652 batizados, 77 casamentos religiosos e 99 óbitos.

Em janeiro de 1913, assumiu a paróquia de Santana do Acaraú, onde permaneceu até março de 1915, quando se transferiu para Fortaleza, a chamado do Bispo, para lecionar no Seminário.

Criada a Diocese de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, conhecendo suas virtudes e saber, convidou-o para dirigir um colégio diocesano que pretendia fundar. Atendendo ao chamado, chegou em Sobral em 1918.

A 2 de maio de 1921 tomou posse da paróquia de Meruoca, onde esteve até 18 de setembro de 1923. Decorrido esse tempo, retornou à Arquidiocese de Fortaleza, sendo nomeado vigário de Mecejana, onde exerceu exemplar apostolado de 1924 a 1931.

Desgostoso e penalizado com a apostasia de seu sobrinho Pe. Arimatéia Cisne que, abandonando o sacerdócio, foi viver como civil em São Luís do Maranhão, tomou a decisão de se internar no Leprosário de Canafístuia, como capelão, em penitência pelo gesto do sobrinho. Naquele hospital de leprosos internou-se no dia 6 de janeiro de 1932, e de lá nunca mais saiu, até o dia de sua morte, ocorrida a 13 de fevereiro de 1940.

Foram oito anos contínuos de demonstração de heroísmo humano e caridade cristã devotados aos seus queridos leprosos abandonados da sociedade.

Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, autores de "O Ceará", lhe fazem o seguinte elogio: "Uma das glórias mais puras do clero do Ceará. Serviu ao magistério e integrou o clero paroquial. Levou sua abnegação de sacerdote paradigma ao extremo de, por oito anos, viver internado no Leprosário de Canafístula, confortando espiritualmente os míseros morféticos". Faleceu santamente aos 68 anos de idade.

9. PE. FRANCISCO LEOPOLDO FERNANDES PINHEIRO

Nasceu em Solonópole a 12 de dezembro de 1885, filho de Manuel Josino Pinheiro e Francisca Maria Fernandes.

Matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 3 de março de 1900, tendo recebido o presbiterato a 6 de fevereiro de 1910.

Logo após a ordenação foi nomeado cooperador de Iguatu, onde esteve até 24 de março de 1911, quando então foi nomeado vigário de Brejo Santo. A 13 de dezembro de 1912 foi transferido para a paróquia de Ibiapina, onde exerceu um breve paroquiato de dois anos. Tomou posse somente em fevereiro de 1913, benzeu o cemitério da capela de Ubajara, por ele construído.

Transferido para Meruoca a 14 de abril do mesmo ano, ali permaneceu até 25 de janeiro de 1916.

Depois da posse de Dom José Tupinambá da Frota na nova Diocese de Sobral, foi chamado para exercer as funções de Cura da Catedral, tomando posse a 24 de julho de 1916 e abdicando a 2 de fevereiro de 1919, dia em que solicitou para retornar à freguesia de Meruoca. Ali esteve como vigário interino até 2 de maio de 1921.

Regressando a Sobral, assumiu a paróquia do Patrocínio a 8 de maio do mesmo ano, demorando-se oito anos no desempenho desta função a que renunciou a 31 de dezembro de 1929.

No ano de 1930, com pouca demora em cada uma, paroquiou Camocim e Tianguá, transferindo-se em dezembro para a Diocese do Crato.

Em maio de 1932 seguiu para Minas Gerais, onde esteve como vigário de Santa Margarida e Chalé, da Diocese de Caratinga, cujo Bispo era o cearense Dom Carloto Távora.

Retornou ao Ceará em 1935, fixando-se no Crato. A partir de 1946 foi residir em Fortaleza, onde faleceu a 24 de maio de 1953.

Pe. Leopoldo Fernandes era primoroso jornalista e polemista. Dirigiu em Sobral o "Correio da Semana", de 1919 a 1928; no Crato, exerceu o magistério e colaborou na imprensa e em Fortaleza escrevia freqüentemente artigos para os jornais.

10. PE. DR. BERNARDINO FERREIRA ANTERO

Nascido no Icó a 2 de dezembro de 1863, era filho do espanhol Antonio Herrera Antero e de Ana Joaquina do Espírito

Santo. Seu pai, natural da Galiza, era fervoroso católico e se estabeleceu no Icó como comerciante. Procurou encaminhar dois filhos para o sacerdócio: Francisco, nascido a 1º de maio de 1855, e Bernardino. Ambos chegaram ao presbiterato. Francisco foi matriculado no Seminário de Fortaleza e depois encaminhado para o Colégio Pio Latino-Americano de Roma, onde se ordenou a 12 de março de 1881.

Como o irmão estudava em Roma, seu pai enviou também para lá o filho mais jovem Bernardino, que se matriculou na Universidade Gregoriana a 9 de janeiro de 1879, também como aluno do Pio Latino-Americano.

Bernardino foi ordenado, em Roma, no dia 26 de março de 1886.

Retornando ao Ceará, foi residir em Baturité como cooperador do vigário, cargo que assumiu a 24 de outubro de 1887. Falecendo o pároco, tomou posse da freguesia a 16 de julho de 1894 e renunciou a 5 de julho de 1895.

Com Carta Comendatícia de 5 de agosto do mesmo ano, transferiu-se para a Diocese de Petrópolis, onde exerceu as funções de vigário de Conservatória, Sumidouro e Cantagalo, sucessivamente.

No início de 1915 retornou ao Ceará, tendo então sido nomeado vigário de Ibiapina, tomando posse a 16 de abril do mesmo ano. Homem culto e viajado, não teve condições de se adaptar à mentalidade da pequena Vila ibiapabana, pelo que comunicou ao Bispo que, renunciando ao cargo, seguiu para Belém do Pará. Ali o Bispo lhe entregou a cura da freguesia de Abaeté, função que exerceu durante dez meses.

Nos poucos meses em que esteve à frente da paróquia de Ibiapina, aforou, por ordem diocesana, um terreno pertencente ao patrimônio da Matriz, ao Sr. Alvaro Soares e Silva, com prazo de 25 anos, e outro, pertencente ao patrimônio de N. Sra. do Bom Parto, ao Sr. João Alfredo de Melo. As escrituras públicas foram passadas, a 7 de agosto de 1915, no cartório local do tabelião Domingos Patriolino de Oliveira. Também procurou prover de procuradores todas as capelas da paróquia.

Não se dando bem com o clima da Amazônia, regressou ao Ceará no começo do ano de 1917. A 9 de maio desse ano, assumiu a paróquia de Pedra Branca que regeu, durante nove anos, até agosto de 1926. Em dezembro, foi nomeado vigário de Pacatuba a 12 de janeiro de 1928, cura de Parangaba. No ano seguinte foi residir no Icó, onde permaneceu durante dez anos, com seu familiares. Faleceu em Fortaleza a 20 de abril de 1943.

UVA BIBLIOTECA CENTRAL

11. PE. BRÁULIO FIGUEIRA DE VASCONCELOS

Nasceu em Redenção a 9 de agosto de 1885.

Estudou humanidades em Canindé com os Franciscanos e ali exerceu o magistério. Iniciou os estudos eclesiásticos no Seminário de Fortaleza, transferindo-se depois para o de João Pessoa, Paraíba, onde recebeu o presbiterato das mãos do Bispo Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, em dezembro de 1912.

Voltando ao Ceará, foi nomeado cooperador de Quixeramobim, cargo que exerceu de fevereiro de 1915 a agosto de 1916. Foi ele quem assistiu à morte do Mons. Salviano Pinto Brandão, notável sacerdote sobralense, que foi pároco de Quixeramobim durante quarenta anos e ali faleceu a 29 de agosto de 1915.

Nomeado vigário de Ibiapina, tomou posse a 28 de setembro de 1916 e permaneceu no cargo até 21 de janeiro de 1918. Nos catorze meses de seu paroquiato, incentivou a vida religiosa das Associações Pias e promoveu a catequese.

A 6 de fevereiro de 1918 assumiu a freguesia de Ipueiras, função que exerceu até novembro de 1920.

Em 1921 recebeu carta comendatícia para se ausentar da Diocese de Sobral, tendo seguido para Minas Gerais, onde faleceu pouco tempo depois.

12. MONS. ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELO

Nasceu em Ibiapina a 3 de outubro de 1878, filho de José Ferreira de Melo e Josefa Soares de Melo. Foi batizado na Matriz de Ibiapina pelo Pe. Tomé Alves de Carvalho, a 1º de janeiro de 1879.

Fez os estudos primários em Ibiapina com a professora Maria Alexandrina de Oliveira e no Ipu, com o professor Rodolfo Rodrigues Leite.

Matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 27 de abril de 1897, e ali foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1905. Cantou a primeira missa solene em Ibiapina a 15 de dezembro do mesmo ano.

Iniciou suas atividades sacerdotais como cooperador da paróquia de Santana do Acaraú, passando a residir na povoação de Massapê, cuja capela pertencia então à dita freguesia de Santana. Nomeado para essa função, tomou posse a 16 de abril de 1906. A partir de 1910 empreendeu esforços para conseguir a criação da paróquia de Massapê, vendo realizado seu intento a 22 de junho de 1911, dia em que Dom Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará, assinou a Portaria de criação da freguesia de Santa Úrsula e a Provisão de sua nomeação como primeiro vigário da nova paróquia. Tomou posse a 1º de agosto e, durante cinco anos, ali desenvolveu um apostolado admirável de renovação espiritual. Obtendo licença episcopal a 5 de novembro de 1913, iniciou a construção da capela de Meruoquinha, em honra de São Brás.

Quando Dom José Tupinambá da Frota tomou posse da nova Diocese de Sobral e começou a organizá-la, chamou Padre Melo para ser Secretário do Bispado, por conhecer suas qualidades de organização. Nomeado para tal cargo de confiança em agosto de 1916, foi obrigado a deixar Massapê, apesar do desejo da população para que ali permanecesse.

Vagando a paróquia com a renúncia do Pe. Bráulio a 2 de janeiro de 1918, no mesmo dia foi nomeado pároco de sua terra natal.

Tomou posse da paróquia de Ibiapina no dia 5 de fevereiro daquele ano, dirigindo-a durante quase trinta anos com admirável zelo e dedicação.

Em 1919 foi nomeado Prefeito de seu município, por ato do Presidente João Tomé. Infelizmente, nas atividades políticas passou por muitos dissabores.

A paróquia e a cidade de Ibiapina muito lhe devem pelos grandes empreendimentos espirituais e materiais que realizou. O seu maior mérito foi encher de vida espiritual a alma de seu povo que ainda hoje conserva uma fé viva e uma intensa consciência religiosa.

A pedido de Dom José Tupinambá da Frota, a Santa Sé o agraciou com o título de Monsenhor Camareiro Secreto a 13 de abril de 1933.

Chorado pelo povo a que tanto amou, faleceu, no desempenho de suas obrigações pastorais, na capela de Mucambo, a 9 de março de 1947.

Seu sepultamento em Ibiapaba foi uma verdadeira consagração da gratidão que o povo lhe devotava.

13. PE. FRANCISCO TUPINAMBÁ MELO

Nasceu em São Miguel do Tapuio, Piauí, a 9 de março de 1911, filho de Manuel Tabajara Melo e Josefa de Araújo Melo. Neto paterno de Francisco Melo e Ana Gonçalves Melo e materno, de José Araújo Lopes e Sofia de Araújo Lopes.

Seu pai, após ter residido algum tempo em Crateús, transferiu-se para Sobral, onde instalou-se como industrial.

Padre Tupinambá cursou as primeiras letras em Crateús com o professor Antônio Lisboa Rodrigues. Em 1927 seguiu para Leopoldina, Minas Gerais, onde residia um tio paterno, e lá fez o curso comercial. Em 1929, retornou a Sobral, empregando-se no comércio.

Sentindo a vocação para o sacerdócio, matriculou-se no Seminário de Sobral a 8 de fevereiro de 1934, passando ao Seminário de Fortaleza em fevereiro de 1936. Concluídos os cursos de Filosofia e Teologia, foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral no dia 25 de outubro de 1942.

Cantou a primeira missa solene em Ipueiras, onde residiam seus avós maternos, a 28 de outubro. Em janeiro de 1943, foi nomeado vigário de Mons. Tabosa, paróquia de que não chegou a tomar posse. Foi então transferido para a freguesia de Tamboril, assumindo-a no dia 22 de janeiro do mesmo ano. Ali desenvolveu um trabalho de melhoria nas oito capelas da paróquia e reformou a Matriz.

A 6 de julho de 1947 tomou posse da paróquia de Ibiapina, como vigário colado, mas teve que renunciar a 5 de janeiro de 1953.

Nos poucos mais de cinco anos que dirigiu os destinos espirituais de Ibiapina, na herança pastoral de seu antecessor, desenvolveu um trabalho de assistência aos pobres, fundando a sopa das crianças com o fim de minorar os efeitos da subnutrição infantil. Criou também a sociedade "Juventude Feminina Católica" para educação para o lar, organizou o patrimônio e instituiu uma Escola de Artes e Ofícios. Também reformou a Matriz. De 10 de setembro a 28 de novembro de 1950, ausentou-se da paróquia para empreender viagem de Peregrinação a Roma, nas comemorações do Ano Santo.

Deixando a paróquia a 5 de janeiro de 1953, foi nomeado cooperador de Crateús, onde permaneceu até a fim desse ano.

Em 1954 passou uma temporada entre os Padres Salesianos, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Regressando a Sobral, foi nomeado Diretor do Pré-Seminário.

Em 1959 foi vigário de Marco, durante oito meses. Novamente foi transferido para Sobral, em cujo Seminário exerceu o magistério durante oito anos. Em 1968 assumiu a vice-diretoria da Escola Profissional São José, onde esteve até 1971, quando foi nomeado Capelão do Abrigo Coração de Jesus, cargo que exerceu durante 5 anos.

Atualmente reside em Sobral, onde presta serviços nas paróquias e na assistência a grupos do Movimento de Cursilhos de Cristandade.

14. CÔNEGO EGBERTO RODRIGUES DE ANDRADE

Nasceu em Sobral a 10 de novembro de 1920, filho do Dr. Francisco Juvêncio de Andrade e Ana Rodrigues de Andrade. Neto paterno de Antônio Juvêncio de Andrade e Francisca Laurinda de Meneses. Neto materno de José Gomes Rodrigues de Albuquerque e Ana Frederica Andrade.

Fez o curso primário no Colégio N. Sra. da Assunção de propriedade de sua tia Dona Mocinha Rodrigues.

De família profundamente religiosa, foi matriculado no Seminário de Sobral a 2 de fevereiro de 1934. Em 1937 transferiu-se para a Escola Apostólica do Caraça, Minas Gerais, onde continuou os estudos até 1940. No ano seguinte retornou ao Seminário de Sobral, ao qual concluiu o curso secundário. Em fevereiro de 1942 ingressou no Seminário Maior de Fortaleza, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Recebeu a ordenação sacerdotal, na Catedral de Sobral, a 7 de dezembro de 1947, juntamente com seu irmão lazarista Pe. Francisco Juvêncio de Andrade Filho.

A 6 de janeiro de 1948 tomou posse da paróquia de Santo Antônio do Aracatiaçu. A 6 de janeiro do ano seguinte assumiu a freguesia de Santa Quitéria, onde permaneceu até 31 de dezembro de 1952.

A 1º de janeiro de 1953 foi nomeado vigário de Ibiapina, cargo que exerceu até 6 de janeiro de 1955, quando foi removido para a freguesia de São Manuel do Marco, onde esteve até 31 de dezembro de 1959. Nesse tempo, curou interinamente, durante oito meses, a paróquia de Martinópole.

Em Ibiapina, Pe. Egberto adquiriu o sino novo da Matriz, reformou o cemitério, levantou a torre da Matriz e fundou o "Centro Social Rural".

No ano de 1960 fixou residência em Sobral, onde ainda exerce o seu ministério como Procurador da Mitra Diocesana, Diretor da Rádio Educadora do Nordeste e do jornal "Correio da Semana". Presta serviços também, nos fins de semana, na paróquia de Frecheirinha.

Em reconhecimento por seus trabalhos, foi agraciado com título honorário de Cônego do Cabido da Basílica de São Pedro de Roma.

É irmão dos Padres Francisco Juvêncio de Andrade Filho e Luís Aurélio Rodrigues de Andrade, e sobrinho do Pe. José Juvêncio de Andrade.

15. MONS. JOSÉ ARISTIDES CARDOSO

Nasceu em Guaraciaba do Norte a 6 de janeiro de 1915, filho de Meton Magalhães Cardoso e Quitéria Ribeiro Cardoso. É neto paterno de José Cardoso e Teresa Magalhães Cardoso e materno, de Manuel Ribeiro de Oliveira e Petronília Ribeiro Memória de Oliveira.

Depois dos estudos primários na terra natal, foi matriculado no Seminário de Sobral, onde concluiu humanidades. Transferiu-se para o Seminário de Fortaleza em 1933, ali terminando os cursos de Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral a 20 de novembro de 1938. Iniciou suas atividades sacerdotais como cooperador da paróquia do Ipu, função que exerceu de 26 de fevereiro a 31 de dezembro de 1939. Em janeiro do ano seguinte foi nomeado vigário de Reriutaba, onde permaneceu até 8 de abril de 1943. Veio então residir em Sobral, tempo em que exerceu o magistério no Colégio Sobralense durante três meses.

De julho a dezembro de 1943, esteve em Acaraú como cooperador.

A 6 de janeiro de 1944 foi nomeado vigário de Massapê, função que exerceu com muito zelo, durante cinco anos, até 31 de dezembro de 1948.

Voltou a residir em Sobral, assumindo a capelania do Colégio Santana e o magistério no Seminário, dedicando-se também à direção do coral do mesmo Seminário, quando manifestou seus dotes de musicista.

A 6 de janeiro de 1955 foi nomeado vigário de Ibiapina, pela primeira vez, tomando posse no dia 30 de janeiro e renunciando a 24 de março do mesmo. Após dois anos do paroquiato

do Pe. Eudes Fernandes, retomou os destinos espirituais dessa paróquia, empossando-se, pela segunda vez, a 13 de janeiro de 1957 e aí permaneceu até 2 de junho de 1968.

Durante os onze anos do segundo paroquiato em Ibiapina, Pe. Cardoso demonstrou muito dinamismo nas realizações, tanto materiais, quanto espirituais. Em ordem cronológica de realizações, fundou a "Associação das Almas", inaugurou o Patronato sob a direção das Irmãs Josefinas, construiu a gruta N. Sra. de Lourdes, instalou a Via-Sacra em todas as capelas, remodelou a Capela de N. Sra. do Bom Parto, organizou missões com os padres lazaristas, colocou sino na capela de São Francisco, reformou o cemitério, etc.

Deixou a freguesia de Ibiapina a 2 de junho de 1968, tendo sido vigário, sucessivamente, em Cariré, Chaval e Carnaubal.

Presentemente continua sua ação pastoral em Carnaubal, dedicando-se zelosamente ao bem de seus paroquianos.

Em reconhecimento dos bons serviços prestados à Igreja, a Santa Sé o agraciou com o título de Monsenhor.

16. PE. FRANCISCO EUDES FERNANDES

Foi vigário de Ibiapina entre os dois paroquiatos de Mons. José Aristides Cardoso, exatamente de 30 de março de 1955 a 10 de janeiro de 1957.

Nasceu em Meruoca a 19 de setembro de 1910. É filho de Vicente Fernandes Rodrigues e Maria Fontenele Fernandes. Neto paterno de José Fernandes do Nascimento e Lúcia Rodrigues Fernandes. Neto materno de Alexandre Moreira e Maria da Glória Fontenele.

Fez o curso de humanidades no Seminário Menor de Sobral, transferindo-se no ano de 1930 para o de Fortaleza onde concluiu Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote na Catedral a 21 de setembro de 1935, tendo celebrado primeira missa solene na Matriz de Meruoca, no dia seguinte.

Iniciou suas atividades sacerdotais como vigário de Aracatiaçu, paróquia de que tomou posse a 9 de novembro de 1935, permanecendo até 31 de dezembro de 1937. Transferido

para Meruoca, ali tomou posse no dia 9 de janeiro de 1938, exercendo o cargo durante a reforma da Matriz, instalação de energia elétrica na cidade, construção de um Salão Paroquial e de duas capelas, além da renovação das associações pias. Deixou a paróquia a 31 de dezembro de 1947.

Vagando a paróquia de Ibiapina com a renúncia do Pe. José Cardoso, foi para lá nomeado por Portaria de 25 de março de 1955, tendo tomado posse no dia 30 de março do mesmo ano. Ali esteve durante dois anos, tempo em que instituiu a realização do mês de maio em família, construiu nova pia batismal e altar de São João Batista, levantou a capela de Alto Lindo que encontrou nos alicerces e ampliou a capela de Betânia.

Deixando a paróquia de Ibiapina a 10 de janeiro de 1957, veio residir em Sobral, dedicando-se ao jornalismo como revisor do "Correio da Semana", no qual escrevia frequentemente.

Retornando às atividades paroquiais, foi ainda vigário em Coreaú, Chaval e Martinópole.

Faleceu repentinamente em Sobral a 12 de novembro de 1982, quando era atendido no balcão de uma agência bancária. Sua morte foi bastante sentida em Martinópole, para onde foi levado o cadáver para o velório de uma noite, sendo na manhã seguinte sepultado em Sobral.

17. MONS. FRANCISCO TARCISIO MELO

Após o segundo paroquiato do Mons. José Aristides Cardoso, assumiu interinamente a Paróquia.

Nasceu em Ibiapaba a 22 de dezembro de 1926, filho de João Alfredo de Melo e Maria Aguiar Melo. Neto paterno de José Ferreira de Melo e Josefa Soares de Melo. Neto materno de Diogo Lopes de Aguiar e Maria Doríntia de Aguiar.

Estudou em Sobral com a professora Chiquita Jácomo em 1937. No ano seguinte matriculou-se no Colégio Sobralense onde se preparou para o exame de admissão. Ingressou no Seminário de Sobral a 8 de fevereiro de 1939, concliundo os estudos de humanidades a 8 de dezembro de 1945.

Em fevereiro de 1946 foi matriculado no Seminário de Fortaleza, onde concluiu os cursos de Filosofia e Teologia.

Foi ordenado sacerdote em Sobral a 8 de dezembro de 1951 e cantou a primeira missa solene em Ibiapina no dia 15 do mesmo mês.

A 6 de janeiro de 1952 foi nomeado vigário de Groaíras, cargo que exerceu por seis meses.

Criada a Paróquia de Senador Sá, foi nomeado primeiro vigário da nova freguesia, da qual tomou posse a 13 de julho de 1952. Nessa função esteve no período de dezoito meses, tempo suficiente apenas para organizar os passos iniciais da principiante Matriz.

A 6 de janeiro de 1954 foi nomeado vigário de Frecheirinha, onde esteve até 30 de abril de 1960. Ali, ampliou a Matriz com a construção de uma nova sacristia.

A 1º de maio de 1960, assumiu a paróquia de Ubajara que ainda hoje continua sob sua zelosa direção. Além da intensa assistência espiritual, instalou aí uma Escola de 2º Grau e construiu a capela de São Luís no bairro Monte Castelo, em Ubajara, e duas capelas rurais, a de Santa Luzia em Nova Veneza e a de N. Sra. de Fátima, em Cachoeira.

De 2 de junho de 1968 a 3 de fevereiro de 1969, assumiu. cumulativamente, a paróquia de Ibiapina, onde incentivou os leigos a tomar conta de suas responsabilidades na Igreja. Nesse tempo, melhorou a torre da Matriz, revestindo-a de pastilhas de pedra.

Em 1976, por ocasião do jubileu de prata sacerdotal, foi agraciado com o título de Monsenhor, Camareiro Secreto do Papa.

18. PE. JOSÉ PRADO PONTE

Nasceu a 22 de setembro de 1927, em Sobral, sendo filho de Oliveiros Ferreira da Ponte e Joana Prado Ponte. Neto paterno de Jacinto Ferreira da Ponte e Maria da Glória Ponte. Neto materno de José do Prado e Maria Esmera da Conceição.

Matriculou-se no Seminário de Sobral a 8 de fevereiro de 1940 e no Seminário Maior de Fortaleza, em fevereiro de 1947.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Sobral a 30 de novembro de 1952. Sua primeira função de sacerdote foi a de primeiro vigário da recém-criada paróquia de Novo Oriente, da qual tomou posse em janeiro de 1953. Com muito zelo, organizou as atividades iniciais da nova paróquia, tendo como primeira preocupação a reforma da Matriz. Inclinado a um apostolado interessado mais em formar homens de fé do que em construir obras materiais, organizou na zona rural da freguesia algumas comunidades de base. Com este mesmo espírito, trabalhou, posteriormente, nas paróquias de Granja, Coreaú e Martinópole, das quais foi zeloso vigário. Na qualidade de cooperador, auxiliou também nas paróquias do Patrocínio, em Sobral, e de Camocim.

Como arremate de suas admiráveis qualidades de pastor, passou os últimos quatro anos de sua vida na paróquia de Ibiapina, da qual tomou posse a 9 de fevereiro de 1969. Também aí deu prioridade ao trabalho de formar comunidades de fé.

Faleceu na Santa Casa de Misericórdia de Sobral a 5 de março de 1973, vítima de câncer no pâncreas.

Como escreveu o seu sucessor no Livro do Tombo, "seu apostolado calmo foi por demais fecundo e a população de Ibiapina, em peso, lamentou sua perda".

Padre Ponte, como comumente era conhecido, foi poeta bissexto de rara inspiração, não dispondo, porém, do tempo suficiente para se dedicar às letras. As poucas poesias inéditas que compôs revelou o alto valor de sua lira.

Era primo legítimo dos Padres José e Jairo Linhares Ponte.

19. MONS. ODILON MARINHO DE PINHO

Nasceu o atual vigário de Ibiapina na cidade de Mons. Tabosa, a 30 de agosto de 1924. Filho de Miguel Marques de Pinho e Maria Sinforosa Marinho de Pinho. Neto paterno de Joaquim de Pinho do Nascimento e Quitéria Marques Melo. Neto materno de Crescêncio Marinho e Marcionília Marinho.

Matriculou-se no Seminário de Sobral a 8 de fevereiro de 1940. Em 1944 transferiu-se para o Seminário Menor de Fortaleza, retornando, no ano seguinte, ao de Sobral, onde concluiu o curso de humanidades a 8 de dezembro de 1946. Em fevereiro do ano seguinte, iniciou o curso de Filosofia no Seminário de Fortaleza e em fevereiro de 1948, o de Teologia, após cuja conclusão foi ordenado sacerdote a 7 de dezembro de 1952.

Iniciou suas atividades sacerdotais na paróquia de Santo Antônio do Aracatiaçu, onde permaneceu de 1953 a 1963. Durante os onze anos em que ali permaneceu como vigário, reformou a Matriz e todas as capelas rurais, construindo também, em cada uma delas, uma casa paroquial e um posto de saúde. Reativou todas as Associações Religiosas instituindo o retiro espiritual anual para todos os associados.

Em janeiro de 1964 foi transferido para a paróquia de Chaval, onde esteve durante dez anos. Ali também, como em Aracatiaçu, equipou todas as capelas com casa paroquial e na cidade construiu uma Gruta de N. Sra. de Lourdes e instalou uma Escola de 1º Grau entregue à direção de Religiosas.

Criada a Diocese de Tianguá, a cuja jurisdição a paróquia de Chaval passou a pertencer, e vaga a paróquia de Ibiapina com a morte do Pe. José Prado Ponte, foi nomeado vigário de Ibiapina, por Dom Timóteo Nemésio.

Tomou posse da freguesia de Ibiapina, no dia 7 de abril de 1973, onde continua a exercer seu admirável apostolado. É grande o número das obras sociais e religiosas que ali tem desenvolvido. Merecem destaque a construção de uma Escola de 2º Grau e do Salão Paroquial, a reforma da Matriz e a edificação das capelas de São Sebastião da Jurema, Santa Luzia de Curralinho, São Domingos de Taquara e Santa Teresa da localidade de igual nome.

Em 1975 fez viagem à Europa e em 1976, aos Estados Unidos, esta última para participar do Congresso Eucarístico Internacional que se realizou em Filadélfia de 1 a 5 de agosto desse ano. Nessa última viagem, teve como companheiro o autor destas linhas.

CRONOLOGIA DO TOMBO PAROQUIAL

Para acompanhar o desenvolvimento da vida paroquial de Ibiapina, nada melhor do que seguir os apontamentos do Livro do Tombo, onde estão registrados os principais acontecimentos da história da paróquia.

Em ordem cronológica, passamos a transcrever, em resumo, os fatos ali anotados pelos sucessivos vigários.

— 1882 —

9 de agosto: Promulgação da Lei nº 1.979 pelo Governo da Província criando a Freguesia de São Pedro da Ibiapina.

— 1883 —

20 de janeiro: Provisão de instituição canônica da Freguesia.

1 de março: Provisão de nomeação do primeiro vigário, Padre Pedro Cavalcante Rocha.

24 de maio: Posse do primeiro vigário. No domingo, dia 27, houve a missa de ação de graças.

— 1885 —

30 de junho: Início da primeira Visita Pastoral à paróquia, feita por Dom José Joaquim Vieira e que terminou a 2 de julho. Durante a Visita, foi exonerado o primeiro vigário.

3 de julho: Pe. Primênio Freire das Virgens assume interinamente a paróquia.

29 de julho: Nomeação do Pe. Francisco Teótime de Vasconcelos para o cargo de vigário. Nada escreveu no Livro do Tombo.

23 de agosto: Posse do Pe. Teótime.

— 1886 —

28 de agosto: Término do paroquiato do Padre Teótime.

0 de outubro: Nomeação do vigário Padre Manuel Lima de Araújo.

28 de novembro: Posse do Padre Manuel Lima. Nada deixou registrado.

— 1894 —

17 de dezembro: Falecimento do Padre Manuel Lima. Foi sepultado na Matriz.

21 de dezembro: Posse do Pe. Tomé Alves de Carvalho como vigário interino.

— 1895 —

22 de outubro: Posse do vigário Padre Francisco Inácio da Costa Mendes. Nada escreveu no Tombo.

— 1896 —

20 de março: Nomeação do Pe. Francisco Cândido de Vasconcelos.

15 de abril: Posse do Padre Francisco Cândido como vigário. No Livro do Tombo limitou-se a transcrever documentos oficiais da Santa Sé e do Bispado. Conta que iniciou a construção da capela de São Francisco de Ibiapina e a de São José de Ubajara, mas não precisa as datas. No mais, somente transcrições de documentos sobre a questão do Juazeiro, de que é protagonista o Pe. Cícero Romão Batista.

— 1906 —

21 de fevereiro: Provisão de nomeação do vigário Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos.

25 de março: Posse do Pe. Joaquim Severiano. Informa que na Semana começou a queimar azeite doce na lâmpada do Santíssimo.

— 1907 —

6 de janeiro: Bênção solene da capela de São José de Jacaré (Ubajara), então pertencente à paróquia de Ibiapina.

18 de agosto: Foi assentada a pedra fundamental da construção do novo cemitério de Ibiapina. A construção terminou a 30 de novembro e a bênção foi a 11 de dezembro.

8 de setembro: Foi celebrada missa, pela primeira vez, na Fazenda Mucambo, onde o vigário pretendia construir capela em honra da Santana. O terreno foi doado por Lourenço Pereira Lima, medindo com braças em quadro.

— 1908 —

25 de março: Bênção da Capela de Santana, em Mucambo.

29 de junho: Bênção da nova imagem de São Pedro, padroeiro da Matriz.

— 1909 —

25 de novembro: Bênção da capela de São Vicente de Paulo, em Araticum, em terreno doado por Miguel Alves. Os trabalhos de construção estiveram a cargo de Horácio do Prado. O vigário reclama que o povo não contribui para as festas da Matriz que são deficitárias.

— 1910 —

8 de setembro: Bênção do cemitério de Mucambo.

— 1911 —

23 de julho: Bênção da imagem de Santana da Capela do Mucambo no dia do início do tríduo preparatório para a festa da padroeira.

7 de setembro: Bênção de uma imagem de São Francisco, na Matriz.

— 1912 —

16 de agosto: Início da Visita Pastoral de Dom Manuel da Silva Gomes na capela de Ubajara.

20 de agosto: Dom Manuel chega a Ibiapina dando início à Visita Pastoral que se prolongou até o dia 24. O Bispo foi auxiliado pelos franciscanos Frei Cirilo de Bérgamo e Frei Germano de Cedrato.

13 de dezembro: Pe. Francisco Leopoldo Fernandes é nomeado vigário de Ibiapina.

— 1914 —

15 de abril: O Curato do Tianguá, criado a 27 de novembro de 1886, é elevado à categoria de paróquia.

— 1915 —

16 de abril: Posse do vigário Pe. Dr. Bernardino Ferreira Antero. Aforou as terras do patrimônio. Nomeou procuradores dos patrimônios das capelas de Ubajara e Araticum, nas pessoas de Vitalino Ferreira de Miranda e Miguel Alves de Almeida, respectivamente.

10 de novembro: Criação da Diocese de Sobral.

— 1916 —

29 de junho: Em Salvador da Bahia, sagração episcopal de Dom José Tupinambá da Frota. Na Matriz de Ibiapina houve missa de ação de graças.

28 de setembro: Posse do Pe. Bráulio Figueira de Vasconcelos.

— 1918 —

2 de janeiro: Provisão nomeando o Pe. Antônio Cândido Melo para vigário da paróquia.

5 de fevereiro: Posse do novo vigário.

21 de setembro: Tem início a Visita Pastoral feita por José Tupinambá da Frota que prolongou-se até o dia 25, quando iniciou a de Ubajara. Na ata, o Bispo elogia o zelo e a piedade do vigário.

— 1921 —

9 de janeiro: O vigário funda a Congregação da Doutrina Cristã.

4 de outubro: Chega em Ibiapina um harmônio encomendado da França. A harmonista Alice Linhares de Aguiar foi contratada para ensinar algumas moças da paróquia a tocar e acompanhar os cantos.

— 1922 —

7 de setembro: Centenário da Independência do Brasil. Foi inaugurada uma Cruz de mármore em frente da Matriz. Ibiapina festejou pomposamente a data centenária.

11 de outubro: Dom José Tupinambá da Frota dá início a mais uma Visita Pastoral que durou quatro dias.

17 de dezembro: Chega a Ibiapina o Pe. João Cavati, lazarista, em companhia do Pe. Alfredo Soares. Este último, filho da terra, veio do Rio de Janeiro, onde residia, para visitar os familiares após a morte de seu pai, Sr. Vencesláu Soares e Silva.

— 1923 —

1 de janeiro: Pe. Antônio Melo assume, cumulativamente, a paróquia de São Benedito, após a morte do Pe. Custódio de Almeida Sampaio.

29 de junho: Bênção do novo sino da Matriz encomendado do Rio de Janeiro.

— 1924 —

6 de janeiro: Posse do Pe. Olavo Passos como vigário de S. Benedito.

18 de outubro: Começa mais uma Visita Pastoral do Bispo Dom José Tupinambá. Durante os quatro dias, houve 2.350 comunhões.

— 1926 —

13 de janeiro: Correu a notícia de que revoltosos, em operação no Piauí, viriam invadir e saquear Ibiapina. O povo em pane fugiu. Diz o Pe. Melo que em Ibiapina "só ficamos eu e o telegrafista".

22 de julho: Na Matriz, bênção da imagem de São Miguel recentemente adquirida.

— 1927 —

2 de fevereiro: Bênção da primeira pedra da construção do Patronato N. Sra. Auxiliadora e da Capela de N. Sra. do Bom Parto.

8 de setembro: Dom José Tupinambá dá início a mais uma Visita Pastoral. Na ocasião benzeu a imagem e o altar do Coração de Jesus. Transcorrendo no dia 10 o aniversário do Bispo, houve sessão em sua homenagem.

20 de novembro: O vigário ausenta-se da paróquia para empreender viagem a Manaus, de onde retornou a 28 de janeiro de 1928.

— 1928 —

7 de outubro: Mais uma vez Dom José visita a paróquia de Ibiapina. Demorou-se três dias. De 4 a 7, visitara a capela de Ubajara. Na oportunidade é benta a pedra fundamental do Salão Paroquial.

— 1930 —

30 de novembro: A paróquia comemora o jubileu de prata de ordenação sacerdotal do vigário.

— 1931 —

27 de março: Pela primeira vez é realizada a Procissão dos Passos na paróquia. A multidão que compareceu foi incalculável. Foi a primeira de toda a serra da Ibiapaba.

5 de agosto: Começa a ser demolida a antiga capela de São Francisco, para em seu lugar ser construída uma nova.

Nesse ano, o vigário foi agraciado pela Santa Sé com o título de Monsenhor Camareiro Secreto.

— 1934 —

22 de novembro: Portaria desse dia cria a Paróquia de São José de Ubajara, até então capela de Ibiapina.

25 de novembro: Dom José Tupinambá dá início a mais uma Visita Pastoral. Durante os quatro dias em que aí permaneceu ministrou o sacramento da Crisma a 1.516 pessoas.

— 1941 —

5 de outubro: Visita Pastoral de Dom José. Nos quatro dias de duração, houve 2.088 crismas e 9.020 comunhões.

— 1942 —

24 de agosto: Começa a construção da nova Matriz. A planta é do artista sobralense, Pedro Frutuoso do Vale.

30 de dezembro: O Pe. Joviniano Loiola, recém-ordenado, chega a Ibiapina para pagar retiro espiritual.

— 1943 —

16 de janeiro: O Pe. Luís Mendes Frota chega a Ibiapina na qualidade de primeiro cooperador da paróquia. No dia 29, alegando motivo de saúde, renuncia. Em seu lugar foi nomeado o Pe. Domingos Gusmão de Sabóia que permaneceu no cargo até 5 de janeiro de 1946.

— 1944 —

24 de fevereiro: É criada a Paróquia de Santo Antônio de Cariré, com parte de seu território desmembrado da de Ibiapina.

UVA BIBLIOTECA CENTRAL

3 de outubro: Bênção da nova capela-mor da Matriz. No mesmo dia é inaugurado o relógio interno da Matriz.

— 1945 —

Janeiro: Começa a demolição da pequena e antiga Capela de Mucambo construída pelo Pe. Severiano. No local, tem início a nova construção.

— 1946 —

20 de fevereiro: Posse do Pe. José Furtado Cavalcanti no cargo de cooperador.

— 1947 —

9 de março: Falecimento, na Capela do Mucambo onde se achava em serviço, faleceu o Mons. Antônio Cândido de Melo que durante quase trinta anos dirigiu os destinos espirituais do povo de Ibiapina. Com a morte de Mons. Melo, a paróquia ficou a cargo do Pe. José Furtado.

6 de julho: Posse do novo vigário, o Pe. Francisco Tupinambá Melo.

6 de setembro: Início da Visita Pastoral feita por Mons. Olavo Passos, por delegação especial de Dom José. Nos quatro dias de atividades, houve 1.885 crismas e 7.300 comunhões. Terminou no dia 11.

— 1948 —

Em fevereiro é fundada a "Juventude Feminina Católica".

— 1950 —

10 de setembro: O vigário Pe. Tupinambá ausenta-se da paróquia para empreender viagem a Roma, como peregrino do Ano Santo. Retornou a 28 de novembro.

— 1951 —

15 de dezembro: Na Matriz, missa solene do novo sacerdote Pe. Francisco Tarcísio Melo, filho da terra.

— 1952 —

15 de agosto: Inauguração da "Escola de Artes e Ofícios São José", iniciativa do vigário Pe. Tupinambá.

17 de novembro: Tem início mais uma visita pastoral feita por Dom José Tupinambá da Frota. Houve 2.450 crismas e 5.665 comunhões durante os quatro dias de atividade.

— 1953 —

5 de janeiro: O Pe. Francisco Tupinambá Melo deixa a paróquia.

6 de janeiro: Posse do novo vigário, Pe. Egberto Rodrigues de Andrade.

7 de novembro: Visita a Ibiapina da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima.

— 1954 —

Nesse ano o vigário levantou a torre da Matriz e instituiu o "Centro Social Rural".

— 1955 —

11 de janeiro: Transferido para a paróquia do Marco, Pe. Egberto despede-se dos paroquianos de Ibiapina.

20 de janeiro: Posse do novo vigário, Pe. José Aristides Cardoso.

24 de março: Renúncia do Pe. Cardoso.

30 de março: Posse do novo vigário, Pe. Francisco Eudes Fernandes.

18 de setembro: Pe. Eudes registra no Livro do Tombo que, nesse dia, celebrou pela primeira vez na paróquia uma missa vespertina.

— 1956 —

31 de outubro: Ibiapina presta homenagem a Dom José Bezerra Coutinho, ex-vigário de São Benedito, sagrado Bispo no dia 28 passado.

— 1957 —

10 de janeiro: Pe. Eudes despede-se dos paroquianos.

13 de janeiro: Posse, pela segunda vez, do Pe. José Aristides Cardoso, no cargo de vigário.

10 de fevereiro: Bênção do novo sino da Capela de São Francisco.

24 de março: Fundação da "Associação das Almas".

11 de agosto: Tem início a visita pastoral feita por Dom José Bezerra Coutinho, Bispo Auxiliar de Sobral. Nos quatro dias da visita, houve 2.029 crismas e 2.710 comunhões.

28 de dezembro: Com solene bênção é inaugurado o Patronato, sob a direção das Irmãs Josefinas, primeira casa religiosa da paróquia.

— 1958 —

11 de fevereiro: Bênção da pedra fundamental da Gruta de N. Sra. de Lourdes. Foi concluída a 12 de outubro.

24 de maio: Provisão para a Capela de Alto Lindo, recém-construída.

— 1959 —

25 de setembro: Falecimento de Dom José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral. A notícia foi muito lamentada em Ibiapina.

— 1960 —

31 de maio: Bênção da Capela de N. Sra. do Bom Parto, após reforma.

— 1961 —

21 de maio: Posse de Dom João José de Albuquerque Mota na Diocese de Sobral. Representação de Ibiapina viajou a Sobral para presenciar a solenidade.

22 de dezembro: Na Matriz, primeira missa solene do Pe. Luís Gonzaga Melo, filho da terra e recém-ordenado.

— 1963 —

23 de outubro: Têm início as missões pregadas pelos Padres Lazaristas. Prolongaram-se até 1º de novembro.

— 1965 —

19 de março: Posse de Dom Walfrido Teixeira Vieira na Diocese de Sobral. Comitiva de Ibiapina foi a Sobral participar do ato.

— 1966 —

29 de julho: A paróquia promove festejos para comemorar os 50 anos de criação da Diocese de Sobral.

— 1968 —

2 de junho: Pe. Cardoso despede-se de seus paroquianos. Nesse mesmo dia, a paróquia foi assumida pelo Pe. Francisco Tarcísio Melo, interinamente.

17 de agosto: Falece o Sr. João Alfredo de Melo, genitor do Pe. Tarcísio.

— 1969 —

3 de fevereiro: Nomeação do Pe. José Prado Ponte para vigário.

9 de fevereiro: Posse do Pe. Ponte. Nada escreveu no Tombo.

— 1970 —

29 de outubro: Primeira visita pastoral feita por Dom Walfrido Teixeira Vieira. Perdurou até 1º de novembro. Crismou 79 adultos.

— 1973 —

5 de março: Falecimento do vigário Pe. José Prado Ponte. O óbito foi na Santa Casa de Sobral.

7 de abril: Posse do Pe. Odilon Marinho de Pinho, atual vigário.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

— Livro do Tombo da Paróquia de Ibiapina.
— Livros de Batismos e Casamentos do Arquivo da Cúria de Sobral.
— Cadernos de Leonardo Mota — Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza.
— Arquivo Público de Fortaleza. Parte referente à Ibiapina.

Fontes auxiliares

— ARAGÃO, R. Batista — "Bravos da Missão" — Fortaleza. 1979.
— ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de — "Cronologia Sobralense" — 1º Vol. 1974.
— ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de — "História Religiosa da Meruoca". 1979.
— ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de — "Estudos Ibiapabanos" — UVA — Sobral. 1979.
— BARRETO, Aníbal — "Fortificações do Brasil" — Rio. 1958.
— BARROS, Luiz — "História de Viçosa do Ceará" — Fortaleza. 1980.
— BEZERRA, Antônio — "Notas de Viagem" — Fortaleza — Ed. UFC. 1965.
— BRIGIDO, João — "Ceará — Homens e Factos" — Fortaleza. 1919.
— D'ABBEVILLE, Claude — "História da Missão dos Padres Capuchinhos" — Maranhão, 1874 — Cap. XII.
— FERREIRA, Pedro — "Dicionário da Ibiapaba" — Fortaleza.
— FIGUEIRA, Pe. Luís — "Relação do Maranhão" **In** "Três Documentos do Ceará Colonial". Fortaleza. 1967.
— GIRÃO, Raimundo — "Pequena História do Ceará" — Fortaleza. 1962.
— GIRÃO, Raimundo — "O Ceará" — 3ª Ed. Fortaleza. 1966.

— LEITE, Pe. Serafim — "História da Companhia de Jesus no Brasil", Vol. III, Rio, 1943.
— LEMOS, Pe. A. Barbosa — "Curso de Tupi Antigo" — Rio. s/data.
— MARTINS, Pe. Vicente — "O Hospício dos Jesuítas da Ibiapaba", in Revista do Instituto do Ceará — Tomos 42 e 43.
— NOBRE, Geraldo S. — "História Eclesiástica do Ceará" — Fortaleza. 1980.
— STUDART, Barão de — "Dicionário Bio-bibliográfico Cearense".
— STUDART, Barão de — "Datas e Factos para a História do Ceará".
— THEBERGE, Pedro — "Esboço Histórico sobre a Província do Ceará", Cap. 4 e 5. Fortaleza, 1973.
— VILHENA, Luís dos Santos — "Notícias Soteropolitanas e Brasílicas", Vol. II, Bahia, 1922.

SÚMULA

APRESENTAÇÃO 7

TOPORAMA 9

– Aspectos geográficos 12
– O topônimo 13
– O panorama 16

A ALDEIA DE JURUPARIGUAÇU 19

– A liderança de Jurupariguaçu 22
– A vida na aldeia 23
– Costumes morais e religiosos. 25

OS PRIMÓRDIOS DA EVANGELIZAÇÃO. 27

– O enigma da saudação cristã 29
– A expedição religiosa 30
– A chegada na serra 32
– A festiva recepção. 33
– A morte do Padre Pinto 34

FIXAÇÃO DA MISSÃO JESUÍTICA. 35

– Genebra dos Sertões 37
– Êxitos e fracassos 38
– Estabelecimento da Missão. 39
– Presença do Padre Vieira 40
– A retirada dos Padres 41
– Novas tentativas. 41
– A fixação definitiva. 42

AÇÕES DOS PADRES SECULARES 45

– O Distrito do Acaraú 47
– O Curato do Acaraú 49
– Conflito de jurisdição. 49
– A licença do cura 51
– O intervalo maranhense 52
– A visita do Padre Lino 52
– Continua a mineração 53
– A Freguesia de Viçosa 55
– Capelães residentes 56
– Ação do Pe. José Tomás 58
– Frouxidão dos costumes 59

A CRIAÇÃO DA PARÓQUIA 61

– O Projeto na Assembléia 64
– Depois da seca, o triunfo. 65
– A instituição canônica 66
– Posse do primeiro vigário. 67
– A Vila e a Matriz 68

BIOGRAFIA DOS VIGÁRIOS 71

— Pe. Pedro Cavalcante Rocha 74
— Pe. Primênio Freire das Virgens 76
— Pe. Francisco Teotônio de Vasconcelos 77
— Pe. Manuel Lima de Araújo 78
— Pe. Tomé Alves de Carvalho 79
— Pe. Francisco Inácio da Costa Mendes 81
— Pe. Francisco Cândido de Vasconcelos 81
— Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos 82
— Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro 84
— Pe. Bernardino Ferreira Antero 85
— Pe. Bráulio Figueira de Vasconcelos 87
— Mons. Antônio Cândido de Melo 88
— Pe. Francisco Tupinambá Melo 89
— Con. Egberto Rodrigues de Andrade 91
— Mons. José Aristides Cardoso 92
— Pe. Francisco Eudes Fernandes 93
— Mons. Francisco Tarcísio Melo 94
— Pe. José Prado Ponte 95
— Mons. Odilon Marinho de Pinho. 96

CRONOLOGIA DO TOMBO PAROQUIAL 101

BIBLIOGRAFIA 113